



Radio Exterior de España

Silvia Colodrón



A jornalista Estela Viana e Cassio Romano, diretor da Casa do Brasil

No dia 15 de março, os alunos da Oficina foram ao Instituto Cervantes prestigiar a emissão ao vivo do programa comemorativo pelos 70 anos da *Radio Exterior de España*. Além dos embaixadores de Portugal, Álvaro de Mendonça e Moura, e do Brasil, Paulo César de Oliveira Campos, que falaram sobre o desenvolvimento econômico brasileiro e sobre as oportunidades de investimento entre o Brasil, a Espanha e Portugal, pudemos ouvir os comentários sobre a aprendizagem do português e o crescimento do interesse por esse idioma na voz do diretor da Casa do Brasil, Cassio Romano, e das professoras de português Gláucia Grohs e Ángeles Sanz Juez. O melhor, porém, foi a locutora Estela Viana com sua elegância, soltura e profissionalidade. O programa foi impecável quanto à organização e ao conteúdo. Parabéns!



Simpáticos, Calouros e um Maluco no dia da emissão

Coluna Social

Raffaella Bortolotto

BEM-VINDOS, BEBÊS!

Queridos leitores, neste número comemoramos a chegada ao mundo de mais uma teteinha e um maluquinho! Pois é! Neste ano Toninho virou avô da Daniela, a bela adormecida que vemos na foto abaixo.



Daniela, neta do Toninho

E no dia 21 de março a primavera nos deu de presente Martín, filho do Marcos Maluco.



Mateo com seu irmão Martín

Português na Casa do Brasil: É bom à beça!

A *Gazeta da Casa* é redigida pelos alunos da Oficina de Conversação da Casa do Brasil.

Coordenação, revisão e diagramação:
Gláucia Grohs & Mariana Kmaid Levy



Música

O *samba* todo o mundo conhece. Mas o que você sabe sobre a *música sertaneja* e o *farrô*? E mais: conheça alguns músicos brasileiros em Madri! Pág. 14 a 21

Aula de Percussão

Clarissa Severo de Borba, especialista em instrumentos de percussão brasileiros, dá uma aula à galera da Oficina! Pág. 4

Brasil e Espanha

A maior escola de samba fora do Brasil fica em Madri: o *Bloco do Baliza*. Pág. 8 e 9

Enquanto isso no Brasil...

Infelizmente em fevereiro não todos os brasileiros pularam Carnaval. O estado do Acre vive sua maior tragédia. Pág. 5

Entrevista

Isabel Nogueira é a nossa entrevistada falando da música em Pelotas. Pág. 23

Deleitura

A viagem poética de Cecília Meireles: peso e leveza. Pág. 10

Biografia

Conheça a mulher de Jorge Amado, a escritora Zélia Gattai, uma brasileira de origem italiana. Pág. 11

Dicas de Viagem

Vamos dar um passeio pelo Parque do *Ibirapuera* em São Paulo. Pág. 31

Vontade de Pipoca

Ótimas dicas sobre a música no cinema brasileiro! Pág. 21

Três anos de pacificação

Valeria Saccone



O Exército numa operação de pacificação na Mangueira

“Estamos passando por uma grande mudança. As novas gerações no Rio de Janeiro não vão ter mais o traficante como exemplo. O modelo a ser seguido agora será o dos policiais”. O autor dessa afirmação tão rotunda como otimista é Camilo Coelho, jornalista carioca responsável do *Blog da Pacificação*, um ambicioso projeto on-line que conta de dentro das favelas o complicado processo de pacificação na futura cidade olímpica.

O programa das *Unidades de Polícia Pacificadora* (UPPs) para as favelas cariocas completou três anos no último mês de dezembro. Tudo começou em 2008 no *Morro Dona Marta*, em Botafogo. Desde então, 19 UPPs foram instaladas nas comunidades do Rio. O projeto culminou em novembro de 2011, quando a emblemática *Rocinha*, 180 mil habitantes e o maior território controlado pelo tráfico na zona sul do Rio, foi ocupada para a instalação de novas unidades. Fazendo um balanço desses três anos, o secretário de Segurança Pública do Rio, José Mariano Beltrame, diz que ainda há muito trabalho para se fazer, porém considera os resultados “animadores”. “Com as UPPs, um milhão de pessoas voltaram a ter o direito de dormir em paz”, afirma Beltrame à BBC Brasil.

Por isso, o aniversário foi celebrado com entusiasmo no Rio, onde há mais de 600 favelas. 315 mil pessoas já foram beneficiadas diretamente e mais de um milhão de moradores de bairros vizinhos, indiretamente. “Não tenho nenhum número em mãos, mas acho que, se fosse feita uma pesquisa, chegaríamos a 95% de aprovação. Os cariocas adoram o projeto de pacificação, que está dando uma nova vida para a cidade”, conta Camilo numa entrevista realizada por mail em exclusiva para a nossa gazeta. “As ruas estão mais cheias durante a noite, os homicídios e assaltos de carro diminuíram muito, os imóveis estão valorizados. O Rio passa por um momento especial. E grande parte disso tem relação com o projeto das UPPs. Claro que nada é perfeito. Não são todas as comunidades que estão ocupadas. Em algumas quem manda ainda é o traficante de drogas. Mas com o que temos hoje a cidade já melhorou muito. E a tendência é melhorar ainda mais. Agora temos um horizonte, uma luz no fim do túnel”, acrescenta. Depois de cinco anos no Jornal Extra, Camilo começou a trabalhar na campanha do atual governador do Rio, Sérgio Cabral, o artífice do programa de pacificação.

Continua na página 7.

Economia

Albert Vinaixa

BRASIL, MUITOS PAÍSES EM UM

A noção de que o Brasil está na vanguarda de um grupo de países emergentes no caminho para se converter em superpotência econômica é tão amplamente aceita que, às vezes, não admite esclarecimentos. Essa é a opinião do *The Economist*, o semanário de economia britânico mais reputado, o qual propõe uma análise mais detalhada do desenvolvimento do Brasil através da comparação dos estados brasileiros com países com os dados mais semelhantes para três variáveis: PIB, PIB *per capita* e população. Pode-se consultar os mapas e os dados em: <http://www.economist.com/content/compare-cabana>

O semanário apresenta para cada uma destas variáveis um *ranking* dos estados junto com um mapa do Brasil no qual os nomes dos estados são substituídos pelos dos países equivalentes. Segundo o *The Economist*, esta análise levanta algumas curiosidades: quem sabia que Alagoas, um estado no Nordeste, tem o mesmo PIB *per capita* que a China? Ele também sugere que inclusive os estados relativamente ricos do Sul e do Sudeste têm algum caminho a percorrer antes que eles possam ser comparados com os lugares ricos do hemisfério norte. Os gaúchos do Rio Grande do Sul não ficariam necessariamente muito felizes ao saberem que o PIB *per capita* no seu estado é próximo ao do Gabão. Em favor da felicidade dos gaúchos vamos rebater esta observação no final do artigo.

Procedamos a dar uma olhadinha em cada uma dessas variáveis: o PIB (veja o mapa incluído no artigo). Mas o que é o PIB? É o Produto Interno Bruto, o qual é calculado como a soma em valores monetários de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região ou país, durante um período determinado, normalmente um ano. O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia com o objetivo de mensurar a atividade econômica de um país. Os três maiores estados em termos de PIB em dólares correntes em 2008 são o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, que são comparados respectivamente com Cingapura, a Hungria e a Polônia. O quarto seria o Rio Grande do Sul, que nesta variável é comparado com Catar. Claro, fica muito mais rico e chique do que Gabão. Quer dizer que o Rio Grande do Sul é um estado mais rico do que Catar? Acho que não, em Catar o PIB total tem

de ser compartilhado com apenas 2 milhões de habitantes e no Rio Grande do Sul com dez!

Vamos analisar a seguinte variável: o PIB *per capita*, que é o resultado de dividir o PIB total pela população do estado ou o país. Segundo os dados de *The Economist*, os três estados com maior PIB por habitante são o Distrito Federal, São Paulo e o Rio de Janeiro, que seriam equivalentes a Portugal, à Polônia e à Rússia, respectivamente.



Em relação à última variável, a **população**, o estado mais populoso, São Paulo, é comparado com a Argentina; Minas Gerais, com a Síria; e o Rio de Janeiro com o Cazaquistão. Roraima, o estado de menor população, é relacionado a Malta.

Não posso terminar sem defender a honra dos gaúchos. O Gabão é o terceiro país africano com maior PIB *per capita*, acima do da África do Sul, da Líbia ou do Egito e, se levarmos em consideração outras variáveis como a educação e a saúde, como faz o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) publicado anualmente pelo programa da ONU, então os gaúchos mostram um grau de desenvolvimento elevado. Segundo os dados do Banco Mundial, o Brasil era em 2010 a sétima maior economia do planeta em termos de PIB. Em 2011, os britânicos não ficariam muito felizes de saber que, de acordo com o *Centre for Economics and Business Research (CEBR)*, o Brasil já ultrapassou o Reino Unido como a sexta economia do planeta e não duvido que já o tivesse feito no indicador da felicidade nacional bruta.

Dicas de viagem

Myriam López Domínguez

IBIRAPUERA

O parque do Ibirapuera representa um lugar de lazer e encontro para todos os habitantes da metrópole de São Paulo. O viajante amante da natureza, da arte e do esporte não pode se esquecer de visitar este oásis situado dentro de uma selva de pedra que é considerado o ícone da cidade pelos seus moradores.



Vista aérea do Parque do Ibirapuera (São Paulo)

Ibirapuera (árvore apodrecida em tupi-guarani) passou de aldeia indígena à área de chácaras após a colonização portuguesa e a independência do Brasil. No início do século XX, a várzea foi transferida ao município paulistano e, na década de vinte, o prefeito da cidade quis convertê-la num parque semelhante aos existentes na Europa e nos Estados Unidos. A grande transformação aconteceu em 1954 quando o parque se tornou a sede das comemorações do IV Centenário da cidade. **Oscar Niemeyer** foi o arquiteto e **Roberto Burle Marx** se responsabilizou pelo projeto paisagístico.

Hoje o Ibirapuera é um pulmão verde de 1,584 km² na zona sul da cidade que conta com mais de 100 espécies diferentes de aves espalhadas por um arvoredo típico de Mata Atlântica.

Pode-se desfrutar o parque das cinco da manhã até à meia-noite. É acessível tanto em transporte público (metrô ou ônibus) quanto em privado já que há estacionamento.

Há também uma ciclovia de 3.000 m de comprimento com serviço de aluguel de bicicletas, além de pistas para cooper que

contornam o gradil do parque e do seu lago. Os mapas estão disponíveis na internet.

Seu percurso ajuda a descobrir símbolos do passado histórico de São Paulo como os monumentos a Pedro Álvares Cabral, aos Bandeirantes ou o Obelisco, mausoléu dos heróis da Revolução Constitucionalista de 1932. O Ibirapuera também reflete a face mais vanguardista da cidade através de museus e espaços de arte e cultura.

O **Museu de Arte Moderna (MAM)** expõe perto de 4.000 obras de artistas brasileiros como Cândido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Victor Brecheret, além de realizar exposições temporárias nacionais e internacionais. Aliás, este ano uma nova sede do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo abrirá suas portas no parque.

A música e a dança também têm um cantinho graças ao auditório de Niemeyer, que foi erguido em 2005. As entradas costumam ser econômicas e, às vezes, pode-se desfrutar um espetáculo gratuito.

A praça Burle Marx, o Jardim das Esculturas e o Bosque da Leitura oferecem ao passeante espaços abertos para curtir a literatura e a leitura.

Se o objetivo for aprofundar-se nas origens étnicas do povo brasileiro, o Museu Afro Brasil e o Pavilhão Japonês mostram informações relativas à transformação da cultura negra africana desde o século XVI e as causas da chegada nipônica no século XX.

Contudo, a alma do Ibirapuera é feita pelas milhares de pessoas que recorrem ao parque todos os dias, especialmente no fim de semana procurando sossego, frescor e lazer.

Lá se pode passear, correr, patinar, pedalar e inclusive velejar no lago. Cachorros brincam com os seus donos, camelôs vendem salgadinhos e água de coco e uma multidão de moleques de bicicleta rompem o ar entre as colunas da grande marquise.

No parque a condição social não interessa. O espaço não tem limites, pois é acessível a qualquer um. Isso permite o convívio duma colmeia humana bem diferente e variada que, às vezes, não tem outro ponto de encontro além do Ibirapuera.



Ecologia

CURITIBA



Universidade Livre do Meio-Ambiente

E por que falar de Curitiba numa seção de ecologia? As razões são duas:

A primeira é objetiva e conhecida por muitos: Curitiba é considerada a cidade brasileira mais ecológica, com reconhecimento não somente dentro do país, mas também no exterior. A segunda é pessoal: pelo desconcerto dos meus colegas na apresentação do meu artigo da edição passada (para aqueles que não o leram, tratava-se de Berlim) ao saberem que ia falar de uma cidade que nada tinha a ver com o Brasil ou com a cultura brasileira. Desta vez, quis ficar mais pertinho do assunto principal desta gazeta: o Brasil!

Damos agora alguns dados sobre Curitiba para aqueles leitores que não souberem nada a respeito dela.

- Curitiba é a capital do estado de Paraná e fica na região Sul do país. Foi fundada em 1693 e teve um grande desenvolvimento após a chegada de imigrantes europeus no século XIX.

- Atualmente, tem aproximadamente dois milhões de habitantes, tendo crescido das 150 mil pessoas nos anos 50 até as 1,6 milhões em 1970! Mas tem uma habitante a menos porque é a cidade da nossa redatora chefe, Glaucia Grohs. Só boas palavras neste artigo então!

E, agora sim, concentremo-nos no caráter ecológico da cidade. De onde chega essa fama?

Será por seu sistema de coleta de lixo, que envolve todos os cidadãos? Ou seu programa para as classes mais baixas que podem trocar

Begoña Navarro

lixo por produtos como ovos, leite ou batatas produzidas pelos agricultores locais?

Será pelo número de metros quadrados de zonas verdes? Possui 56 metros quadrados por habitante, em comparação aos 16 recomendados pela ONU.

Será pelos 160 km de ciclovias? Para os leitores poderem comparar, em Madri não chegamos aos 90 km juntando todos os km que percorrem ruas e parques urbanos.

Será pela existência da Universidade Livre do Meio Ambiente, um espaço para a transferência de conhecimentos sobre meio ambiente e ecologia para a população e uma referência em estudos de preservação de ecossistemas economicamente sustentáveis?

Será pelo seu sistema de transporte público? Tem uma eficiência tal que 25% dos habitantes preferem utilizá-lo em vez de saírem de carro.



Vista do Jardim Botânico

Será porque Jaime Lerner, o artífice do planejamento estratégico de Curitiba, num dos seus primeiros atos como prefeito, deu 1,5 milhões de árvores para os cidadãos plantarem e se conscientizarem assim do senso de responsabilidade da cidadania, além do benefício a longo prazo ao aumentar o pulmão verde da cidade?

Seja lá o que for, algo fica claro, o crescimento sustentável tem tudo a ver com a qualidade de vida, pois Curitiba fica no primeiro lugar do ranking das cidades brasileiras.

Três anos de pacificação

Valeria Saccone

“De tanto rodar pelas comunidades, acabei me apaixonando pela ideia de contar a história dos moradores. O que eu faço agora através do blog é dar visibilidade às pessoas que vivem nas comunidades pacificadas, contando histórias legais, de superação, mudanças de vida...”



Operação do Exército no Complexo do Alemão

Porém, como é que funcionam as UPPs? São uma espécie de batalhão com sede fixa dentro da comunidade. “Durante 30 anos a polícia entrava, trocava tiros, aconteciam mortes e os policiais iam embora. Agora a polícia entra e não sai mais”, explica Camilo. A função das UPPs é acabar com o domínio do tráfico armado sobre esses territórios. “A reconquista do território é fundamental. Não pode existir dentro de uma cidade uma área controlada por homens armados para a venda de drogas ou para acolhimento de assaltantes”, destaca o jornalista carioca. “A cidade está mais calma, não temos mais tiroteio a qualquer momento. E para quem vive na comunidade é a oportunidade de uma vida nova, de ver o seu filho crescer sem a influência negativa do tráfico. Hoje as comunidades onde ainda não existe UPP pedem que a pacificação chegue logo.”

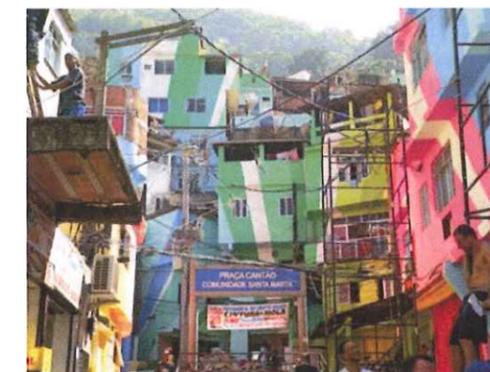
O modelo dá preferência ao emprego de policiais militares recém-formados, por serem considerados agentes “sem vícios”, nas palavras de Beltrame. “São jovens que ainda não tiveram contato com a parte suja da corporação. E também não têm rancor, porque nunca passaram por confrontos diretos nas comunidades”, esclarece esse jornalista. Só com a formação de novos policiais o Governo está investindo R\$ 15 milhões. Mas o investimento é muito maior.

Os traficantes, claro está, são os principais afetados nesse processo. “Muitos foram presos, como no caso dos líderes da Rocinha. Alguns fugiram para outras regiões do estado do Rio, onde perdem a força, já que não têm o domínio do território. Outros começaram a trabalhar, todavia, aqueles que não foram identificados

pela polícia ficaram no morro, sem ter o que fazer”, detalha Camilo. Os críticos acham que esse modelo força o deslocamento dos traficantes para outras favelas, que podem se tornar novos bastiões do tráfico e da violência. E destacam que não há políticas específicas para os jovens que deixaram o tráfico.

A chegada das UPPs “abre a porta para a entrada de outros serviços públicos na comunidade, como luz, gás, televisão a cabo”, segundo Camilo. Contudo, ainda há muitos problemas e desafios. Um exemplo: os complexos do Alemão e da Penha, na zona norte. Ocupados por forças de segurança em novembro de 2010, ainda não receberam UPPs e permanecem ocupados por cerca de 1,6 mil soldados do Exército. A presença dos militares está causando conflitos com a população.

Além disso, o ano passado foi marcado por denúncias de corrupção entre policiais da UPP do Morro dos Prazeres e do Escondidinho, em Santa Teresa. Mesmo assim, os resultados da pacificação saltam à vista. “Hoje conheço crianças em Santa Marta que nunca ouviram o som de um tiro. A quadra da favela realiza festas que atraem pessoas de todas as regiões da cidade, que antes não teriam coragem de visitá-la. Os moradores estão prosperando, montando seus negócios e a favela não para de crescer”, assegura Camilo.



Santa Marta foi a primeira favela pacificada no Rio

A meta final é instalar 40 UPPs no Rio até a Copa do Mundo, em 2014. Desse jeito, estarão cobertas 165 comunidades, onde moram 1,5 milhão de pessoas. “Esse não é um projeto de três anos. É um projeto a longo prazo, de formação de uma nova geração. São crianças que vão querer trabalhar, correr atrás dos seus sonhos. O sucesso é tão grande que não acredito em interrupção. Tenho certeza que nenhum político teria coragem de chegar, assumir e acabar com as UPPs”, conclui Camilo.



Dados sobre o Brasil

José Manuel Almendros

O Brasil pretende se tornar um país de imigrantes profissionais

O Brasil prepara um tapete vermelho para acolher milhares de trabalhadores estrangeiros desconsiderando a lei de estrangeiros em vigência desde 1980. A **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE)**, por ordem da Presidente Dilma Rousseff, está desenvolvendo uma "nova política de imigração" que dará luz verde aos já 400.000 trabalhadores com qualificações profissionais à espera de serem contratados por empresas brasileiras.

"Como o Brasil é uma ilha de prosperidade no mundo de hoje, há muitas pessoas bem treinadas que querem trabalhar aqui," explicou Ricardo Paes de Barros, coordenador do projeto que prepara o governo.

Para trabalhadores não qualificados a legislação continuará, por agora, sem alterações. O Brasil, que cresce em capacidade industrial, em atividades de produção de petróleo e que se encontra às vésperas de dois grandes eventos globais, a Copa do mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, está muito interessado na "transferência de tecnologia", reconhece o governo, que quer atrair novos cérebros e se fornecer do que mais precisa: trabalhadores qualificados.

O novo projeto da SAE, elaborado por uma equipe de economistas, advogados, demógrafos e sociólogos, deve estar pronto em dois meses, de acordo com o jornal O Globo. A nova legislação foi chamada de "imigração seletiva", pois, de acordo com Barros, é uma nova fase de imigração depois de 20 anos de emigração.

O grupo de imigrantes estrangeiros em busca de trabalho no Brasil que mais tem crescido ultimamente são os espanhóis, com um aumento de 45% nos últimos quatro anos. O número de estrangeiros legalmente

no Brasil cresceu 52,4% no primeiro semestre de 2011. De janeiro a setembro do ano passado, o Ministério do Trabalho, apesar dos complexos trâmites burocráticos de imigração, concedeu 51.353 autorizações.

O número de vistos de permanência cresceu 67% de 2009 a 2010, enquanto dobrou o número de processos de naturalização, outrora muito difíceis de serem realizados.

Quanto ao ambiente de trabalho, para absorverem a nova força profissional, uma das condições para as empresas brasileiras ou estrangeiras que já estão trabalhando no Brasil é pagá-la melhor do que na origem. Geralmente já é assim. Além disso, os estrangeiros que já foram trabalhar nos últimos anos no Brasil são unânimes em admitir que "são recebidos com grande calor" por seus colegas brasileiros.

A única preocupação agora no Brasil é manter sob controle a chegada de estrangeiros e que tudo seja realizado por vias legais.

De acordo com Monster, site de recrutamento on-line, durante 2011 mais de 80.000 trabalhadores qualificados deixaram seu currículo interessados em encontrar trabalho no Brasil. Há 400.000 que têm os olhos no país no momento.



Esporte

Andrea Profeti

O PRIMEIRO HERÓI DO FUTEBOL BRASILEIRO

Arthur Friedenreich foi o primeiro grande herói do futebol brasileiro. Segundo relatos da época mereceu ser chamado em 1919 um dos "maiores brasileiros vivos". Tomas Mazzoni, em 1950, escreveu que "nos seus 26 anos de faustosa carreira futebolística, Fried descobriu todos os segredos da arte da bola... Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia". As qualidades não são suficientes para explicar a sua importância: a biografia desse jogador é significativa para explicar os contrastes e singularidades do Brasil. Fried nasceu em 18 de julho de 1892 no bairro da Luz em São Paulo. Seu pai era o judeu Oscar Friedenreich, um comerciante alemão que havia montado seus negócios primeiro em Blumenau, Santa Catarina, logo depois em São Paulo. A mãe de Fried era Matilde.

Fried é o resultado da relação entre um branco alemão, que foi ao Brasil para "fazer a América", e uma anônima ex-escrava que trabalhava com lavadeira. Fried era um mulato de olhos verdes e jogava bola como nenhum outro. Os olhos verdes e o sobrenome alemão lhe garantiam o acesso ao mundo branco.

Teve uma oportunidade rara para um mulato da época, mas foi um estudante medíocre. No colégio Mackenzie, onde estudou até os 16 anos, apaixonou-se pelo futebol e mostrou ótimas qualidades para esse esporte. A origem do pai lhe permitiu entrar num time forte como o Germânia, apesar de ser negro, ou, melhor dito, de não ser branco. Na época todos os clubes eram da aristocracia paulistana e tinham uma barreira racial forte. No Rio, a coisa era ainda pior. A mistura étnica começava a ameaçar a hegemonia branca e por isso a liga proibiu explicitamente jogadores "de cor".

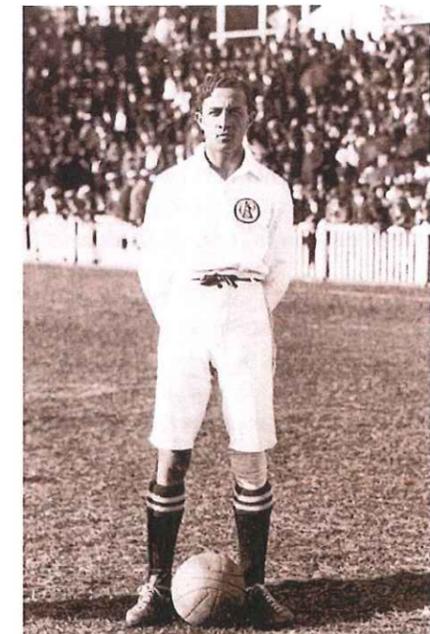
Fried foi um dos dois mestiços que jogaram pela seleção brasileira em 1919 na disputa do Campeonato Sul-Americano e foi o autor do gol que deu o primeiro título internacional à seleção brasileira. A classificação étnica do indivíduo era feita e, talvez até hoje seja feita assim no Brasil, muito mais pela posição social. Por conseguinte, Fried perdeu sua condição de negro para a sociedade da época. Mesmo assim ele procurava esconder como podia a sua

aparência, alisando vigorosamente o cabelo antes de entrar em campo. O escritor Mario Filho o definiu como o "mulato que queria ser branco".

Houve outros casos semelhantes. O mais famoso na história do futebol brasileiro é o caso de Carlos Alberto que passava pó de arroz no rosto para disfarçar sua cor quando jogava pelo Fluminense. O apelido acabou pegando no jogador e no próprio time carioca cujo apelido é até hoje "pó de arroz".

O Campeonato Sul-Americano de 1919 foi o primeiro torneio internacional entre seleções organizado no Brasil. Vinte mil pessoas, entre elas o presidente da República Delfim Moreira, foram ver a final, entre o Brasil e o Uruguai. O jogo foi desgastante: as seleções tiveram de jogar duas prorrogações (naquele tempo não havia decisão por pênaltis). Aos 150 minutos de jogo Arthur Friedenreich marcou o histórico gol da vitória.

Com esse gol, o Brasil percebeu o valor dos seus negros no futebol. O país, apaixonado pelo seu craque mulato, viu a formação de equipes em todos os cantos. A presença de negros e pobres era considerada uma heresia pelos clubes pioneiros, mas a partir de então, eles passaram a fazer parte dos times de todo o país.



Arthur Friedenreich



Um festival bem antigo

Mikhal Fernández

Quando comecei a pensar na coluna desta edição com o samba como tema, achei que seria bem fácil mas não foi, não. Todos os festivais que encontrava estavam misturados com outros ritmos ou eram fora do Brasil e todos bem parecidos. Não dava para escrever. Foi então quando me dei conta de que às vezes procuramos tanto que não vemos o evidente.

Qual é o maior festival de samba que todo mundo conhece mesmo que não tenha curtido? Esse mesmo! O Carnaval do Rio!!

Com pouco mais de 500 anos, o Brasil tem com certeza um dos eventos mais famosos do mundo e poderia até dizer que o mais antigo. Um carnaval cuja origem remonta aos ritos da primavera que romanos e gregos celebravam e que depois evoluiu até às festas de máscaras as quais na Europa, países como a França, a Espanha e Portugal, adotaram e adaptaram. O carnaval não era uma festa qualquer. Era uma festa que se tornou tradição e como tradição foi levada para o Novo Mundo. Os culpados disto foram os portugueses que, além de conquistar, deram para o Brasil sem saber o começo dum negócio bem delicioso e inclusive orgasmático...

Mas agora não fiquem achando que o Carnaval do Rio tem uma origem exclusiva da Europa. Não, não! De jeito nenhum! Séculos atrás, os escravos que foram levados da África para o Brasil criaram um som que se tornaria o ritmo com que blocos de rua e escolas de samba dançariam: o Samba, uma música com origem angolana (semba), que conseguiu até espaço próprio: o Sambódromo. Agora, fale aí, não acha que os brasileiros melhoraram a tradição?



Eros uma vez

Valeria Saccone

TODOS JUNTOS



Ai, se eu te pego, ai ai...

Que o ser humano gosta de suruba não é nenhuma novidade. Só têm que olhar os costumes dos imperadores romanos, para dar um exemplo. Não vamos abrir aqui um debate sobre as vantagens de uma relação aberta. Cada um decide o que fazer no seu tempo livre.

O interessante desse tema é que, depois de séculos de aparente abstinência, uma parte da sociedade parece ter acordado dessa letargia sexual, propiciada pela educação religiosa do mundo ocidental. Faz já uns anos que em Londres está na moda contar para os colegas do trabalho as proezas na última suruba. As revistas falam de *outing*, uma necessidade social de revelar sem complexos as preferências sexuais de cada um.

Os amantes do intercâmbio, os *swingers*, têm muitas opções para dar rédea solta às suas fantasias. No verão, Cap D'Adge, no sul da França, vira a única cidade naturista do mundo. Há oito clubes liberais e quase tudo está permitido. Em Cancun apareceu um novo conceito: o *swinging* de luxo. Desire é um complexo turístico que oferece todo tipo de conforto. Lá a roupa é opcional, porém o mais curioso é que cada vez mais noivos escolhem passar a primeira noite com outros casais. Uma forma diferente de começar o casamento, é claro.

Até apareceu uma web que organiza férias com o intercâmbio como único objetivo (www.swingerstime.com). A página oferece desde escapadas de um fim de semana na Espanha ou em Portugal, até viagens para a Costa Rica, República Dominicana ou Salvador da Bahia. E tudo para acabar numa cama redonda com outros amantes das relações liberais. Precisamente no Brasil a comunidade *swinger* é muito ativa. Existem pousadas especializadas nessa atividade de Santa Catarina até o Nordeste.

Enquanto isso no Brasil...

Diana Holguera

O ACRE... ALAGADO

O desconhecido estado do Acre sofre as maiores inundações da sua história

Enquanto milhões de pessoas pulavam carnaval nas ruas do Rio de Janeiro, São Paulo ou Fortaleza, a preocupação de muitos acreanos era a de salvar alguns de seus pertences ou inclusive a vida.



Área afetada pela cheia

A cheia do rio Acre, devida às imensas chuvas acontecidas no estado, começou na sexta 23 de fevereiro na localidade de Assis Brasil. Ao longo desse fim de semana e da semana seguinte, a enchente foi chegando às povoações que seguem o transcorrer do rio: Brasileia, Xapuri... até chegar à capital do estado: Rio Branco. O município boliviano de Bolpebra, localizado no limite tripartite entre a Bolívia, o Peru e o Brasil, ficou completamente submerso e o município de Iñaparí, no Peru, foi afetado igualmente pelas cheias do rio Acre, que marca a fronteira entre os três países.

A água chegou a 17,64 metros, cobrindo cidades inteiras. A população de Rio Branco foi a mais afetada, com mais de 100 mil pessoas desabrigadas, alojadas em igrejas, escolas e ginásios. A cidade de Brasileia foi alagada em 95%. Dos 21 mil habitantes do município, 20 mil tiveram que deixar as suas casas, que ficaram completamente cobertas pela água. A energia elétrica foi interrompida por medida de segurança e, mesmo assim, um voluntário que distribuía cestas básicas a famílias afetadas morreu ao encostar seu barco de alumínio num "gato" (ligação clandestina de energia elétrica). Os hospitais colapsaram pelo alagamento e pelas necessidades de atendimento à população, especialmente às crianças, que começavam a sofrer sintomas de cólera e outras doenças virais e respiratórias relacionadas com o desastre.



A cidade de Brasileia alagada

O Governo Federal disponibilizou homens da Força Nacional de Defesa Civil e médicos da Fundação Nacional de Saúde para ajudarem no atendimento às vítimas. O Exército também foi mobilizado e membros do Corpo de Bombeiros de Brasília foram para a região para ajudarem nas operações e auxílio aos desabrigados. Foram distribuídas milhares de cestas de alimentos.

Enquanto isso, no resto do país, as notícias dessa semana só falavam em Sapucaí, blocos e bundas. Carnaval é hora de diversão, não de tragédia, e o Acre, lá no fundo, não interessa. Chega fevereiro e o que Brasil quer... é pular carnaval!



Brasil & Espanha

Marcos Rodríguez Bustillo

BLOCO DO BALIZA:

a maior escola de samba da Espanha
fica em Madri!



Se alguma vez vocês estiverem dirigindo pela A-1 perto de Alcobendas e escutarem o som de repeniques, atabaques, cuicas e pandeiros, não estarão se enganando. O Bloco do Baliza tem sua sede social na área.

Foi por volta de 2003 que Willy, um jovem apaixonado pela música brasileira e hoje diretor do Bloco do Baliza, começou a se juntar com sete amigos para lhes dar aula de percussão. O grupo formou-se para tocar no seu bairro durante as festas do Natal. Mais pessoas foram se incorporando até formar o maior bloco de samba da Espanha. Com o passar do tempo a atividade do Bloco aumentou com a criação da Escola de Samba. Os alunos aprendem a tocar os instrumentos do samba para depois se incorporarem às apresentações do grupo.

O Bloco do Baliza tem atualmente mais de 120 membros com alunos de 19 até 50 anos (não há limite de idade) e instalações de 600 m². Segundo Willy, porém, a importância do Bloco vai além da música, "o conceito é o mesmo que nas escolas de samba cariocas. Não é só aprender a tocar um instrumento, conhecer o samba e tocar no Bloco, mas também criar vínculos com os outros membros, dividir e aprender a viver em comunidade". Mas não é fácil, "no Brasil, os alunos estão muito concentrados no som e tem grande respeito pela música, enquanto na Espanha o pessoal gosta de curtir a festa em si".

O Bloco do Baliza atua em festivais de música, festas populares, carnavais e atividades culturais diversas. Eles tocam tanto em cidadezinhas como em grandes capitais (apresentaram-se inclusive em Londres). O importante é espalhar o samba pela geografia espanhola. Os brasileiros que assistem aos shows do Bloco ficam surpresos de encontrar um grupo assim na Espanha. O sonho de tocar no Brasil ainda está pendente.

No Bloco não só tocam sambas das escolas do Rio de Janeiro, mas também batucadas inspiradas nas escolas da Bahia, Recife ou São Paulo. Eles tocam paradinhas compostas por Willy, que viaja cada ano para o Rio para continuar com sua formação nas técnicas do samba, para conhecer as tendências e novidades que as escolas cariocas incorporam, pegar ideias, fazer contatos e comprar material para o grupo e para a escola.

Como futuros projetos, Willy tem como objetivo incorporar a dança do samba na escola e também dar aulas para crianças. Ele gostaria ainda de confirmar e aumentar o intercâmbio com a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ).

No Carnaval 2012 o Bloco do Baliza atuou em várias cidades da Comunidade de Madri. Também para comemorar o Carnaval, eles organizaram uma "aula aberta" na qual os participantes puderam, em só duas horas, fazer soar samba num bloco com muito potencial.



Alunos da Oficina de Conversação com Willy na "aula aberta"

Querem saber mais? Convido vocês a procurarem mais informação e a acompanharem as atividades do projeto nas redes sociais.



www.blocodobaliza.com
Facebook: Bloco do Baliza
YouTube: www.youtube.com/BlocodoBaliza
My Space: www.myspace.com/blocodobaliza

Repique, tamborim, caixa e pandeiro, salve os mestres do Baliza, o grupo que mais simpatiza no Carnaval de fevereiro!!!

Vontade de pipoca

Beatriz Rivas

MÚSICA SERTANEJA NO CINEMA

Dois Filhos de Francisco (Breno Silveira, 2005) é um filme baseado na vida dos músicos sertanejos Zezé Di Camargo & Luciano. Uma história de superação pessoal com o pai deles como autêntico protagonista da fita. Não é nenhuma surpresa que o filme fosse recorde de bilheteria do cinema brasileiro.



Imagens do filme Dois Filhos de Francisco

FORRÓ TAMBÉM SE VÊ NA TELA

Preparem as suas havaianas, procurem o caminho sob o sol ou a chuva e virem autênticos forrozeiros. Esta é a proposta do documentário *Por amor ao forró* (Adriana Caitano e Galton Sé, 2008), que retrata o movimento forrozeiro no Sudeste do Brasil: os instrumentos, a paixão por Gonzaga ou os festivais de Rootstock (SP), RioRoots (RJ) e Itaúnas (ES). Até poderão aprender o "Pai Nosso" do forró! Não percam a oportunidade, pois o documentário está de graça no Youtube. Se ficarem ainda com curiosidade, os autores criaram um blog dedicado ao forró:

<http://forropedeserradf.blogspot.com>



Humberto Teixeira com Luiz Gonzaga

O homem que engarrafava nuvens (Lírio Ferreira, 2008) é um documentário sobre a figura de Humberto Teixeira, menos conhecido do que seu contemporâneo e parceiro Luiz

Gonzaga, embora seja o compositor responsável de clássicos como *Adeus, Maria Fulô e Asa Branca*. No filme, acompanhamos a sua filha, Denise Dummont, numa viagem para aprender mais sobre o pai e redescobrir o baião.

E O SAMBA NÃO PODE FALTAR!

A cantora Marisa Monte nos apresenta o cotidiano da Velha Guarda da Portela no documentário *O Mistério do Samba*. A ideia surgiu em 1998 quando a cantora pesquisava para o repertório do seu próximo CD: as filmagens das gravações e ensaios deram início à confecção do filme. São mágicos os tesouros e as recordações que guardam as histórias pessoais dos protagonistas.

Outra escola de samba carioca, a Mangueira, é a protagonista do documentário *O Samba que Mora em Mim* (Georgia Guerra-Peixe, 2010) apresentado na última edição do *NovoCine*. O filme recolhe depoimentos dos moradores da comunidade fora dos dias do Carnaval e a importância da música nas suas vidas.



Cartazes dos filmes sobre o samba

Existem também filmes sobre os grandes artistas do samba: Noel Rosa vira protagonista do longametrage *Noel Rosa, poeta da vila* (Ricardo van Steen, 2006) e Lírio Ferreira e Hilton Lacerda dirigiram em 2007 o documentário *Cartola, Música para os Olhos*.

Para quem ficar interessado em saber mais sobre o samba, a sua história e os seus grandes representantes, aconselho ver o documentário da BBC: *Brasil, Brasil - Episode 1, Samba to Bossa*. O documentário é em inglês e português, mas a boa notícia é que está completamente disponível e de graça no Youtube (é para aproveitar e curtir!). Mais informação: www.bbc.co.uk/musictv/brasilbrasil/episodes/



Arte

Ana Mercader e Chus Velasco

ROMERO BRITTO

“Na condição de criança pobre no Brasil tive contato com o lado mais sombrio da humanidade. Como resultado passei a pintar para trazer luz e cor para minha vida.”

Nascido em Recife, Pernambuco, em 1963 numa família simples e humilde, Romero Britto aos oito anos já mostrava interesse e talento pelas artes. Com muita imaginação e criatividade, pintava em sucatas, papelão e jornal e sua família o ajudava a se desenvolver dando-lhe livros de arte para estudar e copiar.

Fez sua primeira exibição pública aos 14 anos e vendeu seu primeiro quadro à Organização de Estudos Americanos. Já não precisava mais de incentivo para continuar. Pintava e de forma autodidata, articulava as composições simplificadas e ingênuas, mas sempre com cores vivas, de acordo com seu vocabulário visual popular e seu forte sentimento de alegria de viver. Embora recebesse bolsa de estudos para uma escola preparatória e ingressasse na Universidade Católica de Pernambuco, no curso de Direito, seu destino ainda ia mudar. Por volta dos vinte e cinco anos viajou para a Europa para visitar lugares novos, ver a arte que só conhecia nos livros e aprimorar seus traços.

Querida viajar e mostrar sua arte, desistiu do curso de Direito e decidiu ir visitar um amigo de infância que estava em Miami estudando inglês. A diversa paisagem cultural e a beleza tropical do lugar lembravam o Brasil e Britto fez da cidade sua residência permanente. Lá trabalhou numa lanchonete, num lava-rápido, como ajudante de jardineiro e caixa de loja enquanto vendia seus quadros pelas ruas para sobreviver. Suas composições de cores esfuziantes e alegres foram de agrado do público de Miami.

Em 1989, o presidente da Vodka *Absolut* viu seu trabalho e o contratou para fazer a campanha publicitária da bebida. As três obras

criadas pelo artista foram veiculadas em mais de 60 publicações internacionais, projetando-o rapidamente no cenário mundial. Seguindo a trajetória da Absolut, Grand Marnier, Pepsi, Disney, IBM e outros interessados em cultura popular, passaram a incorporar suas pinturas em seus projetos, suas obras vêm sendo estampadas nos mais diversos produtos: embalagens, carros, tecidos e acessórios para a indústria da moda.



Colagem de várias obras do artista

O caráter publicitário de suas obras e a disposição de cores, tons e linhas, colocam-no no cenário da arte pop. Nos Estados Unidos, o artista parece ter virado ídolo dessa arte, com admiradores e colecionadores nas altas esferas de Hollywood e do governo americano como Eillen Guggenheim que o considera como um artista pop no mesmo patamar de Andy Warhol, Keith Haring e Roy Lichtenstein.

Entre os críticos de arte brasileiros existe um forte questionamento a respeito do status de arte ou não da obra de Britto. Alguns o veem com um caráter publicitário e de entretenimento, e outros o consideram apenas um ilustrador. No entanto, Britto foi tema do enredo da Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá, no Carnaval do Rio de Janeiro de 2012. Cada carro foi uma alegoria das distintas épocas do pintor, da infância ao sucesso em Miami e seu relacionamento com o marketing artístico.

Brasil & Espanha

Antonio Rodríguez Martínez

ENTREVISTA COM MARCOS MADUREIRA

“As empresas espanholas estão em uma situação privilegiada para aproveitar esse momento ‘único’ que vive a economia brasileira.”

Carismático e sedutor, grande conhecedor das realidades econômicas e sociais da América Latina, experiente nas relações com jornalistas e com a mídia deste e daquele lado do mundo, uma atividade que, segundo ele, lhe dá prazer. Falamos de Marcos Madureira, diretor de Comunicação e *Public Policy* do Santander para a Iberoamérica.

“Em geral, diria que a imagem da Espanha na América Latina é boa. Em especial, pensando em termos de Brasil, a Espanha é vista como um ‘país amigo’ e a marca Espanha é uma marca de qualidade e tem boa aceitação”, responde ao lhe perguntarmos pela imagem que a mídia latino-americana transmite de nós.

Centramo-nos agora no Brasil e na percepção que os brasileiros têm da Espanha e das suas empresas e se a mesma mudou com a crise. *“O brasileiro tem uma longa experiência em crises e sabe muito bem o sacrifício que representa para a população, principalmente para as classes de baixo poder aquisitivo. Por isso, não creio que a crise que atravessa a Espanha mude a percepção do brasileiro”*, explica. Porém, aponta que o que existe é a impressão de que as empresas espanholas vão reduzir seus investimentos no país e que repatriarão de forma agressiva os lucros obtidos no Brasil.

Ao comentamos o nível de satisfação dos cidadãos com algumas das empresas espanholas estabelecidas ali, Madureira chama a atenção sobre a importância de entendermos o contexto em que as grandes empresas espanholas chegaram ou se expandiram no mercado brasileiro. Explica-nos que grande parte se deu no processo de privatização levado a cabo na segunda metade dos anos 90. Foram compradas grandes empresas estatais que, devido à má gestão ou à falta de investimento, se encontravam em uma situação operacional muito delicada. *“É compreensível que a população esperasse que, com a chegada dessas empresas, ocorresse uma mudança imediata e que todos os problemas fossem solucionados, o que naturalmente não era viável...”*

Quanto aos Jogos Olímpicos e à Copa do Mundo, ninguém tem dúvida de que o país cumprirá os objetivos. Porém, ainda que sejam importantes, ambos representam relativamente pouco no total de investimentos do país.

Marcos Madureira,
Diretor de Comunicação
e Public Policy do
Santander para a
América Latina



“As obras de infraestrutura, vitais também para esses eventos, são o grande vetor de crescimento do país nos próximos anos”, destaca. *“O Brasil é um país com quase 200 milhões de habitantes, tem uma extensão territorial de cerca de 9 milhões de quilômetros quadrados, uma base industrial importante, um setor agrícola extremamente potente e competitivo, recursos minerais abundantes e grandes reservas de petróleo. Esse é o grande patrimônio do Brasil e é ele que vai permitir o desenvolvimento sustentável do país”*, afirma este paulista. O futuro já está então garantido? *“Não. O Brasil tem que fazer sua lição de casa, tem que continuar avançando nas reformas que permitam dar à economia brasileira a competitividade internacional que ela necessita”* responde.

E as empresas espanholas? Estão bem posicionadas para participar deste desafio? Madureira acredita que *“elas têm tecnologia, produto, experiência internacional e conhecimento do mercado nacional, o que as coloca em uma situação privilegiada para aproveitar esse momento ‘único’ que vive a economia brasileira.”*

Concluimos falando da questão dos emigrantes e do fato de o desenvolvimento econômico do Brasil estar tendo um efeito chamada. *“Não tenha dúvida”*, afirma com determinação. *“Além do desempenho muito positivo da economia brasileira, não podemos esquecer que a Europa, e os países periféricos em especial, passam por um momento delicado, o que significa um duplo incentivo ao retorno.”*

Por último, perguntamos qual seria a sua escolha, se tivesse que morar num país que não fosse o Brasil. *“Eu moro na Espanha há cinco anos e gosto muito do país. Que outro país?”*



Seção gourmet

Mirian Rodríguez e Miguel Lora Maroto

QUINDIM

HISTÓRIA



Brisa-do-Lis

Quindim é um doce tipicamente brasileiro. Foi criado no nordeste do país, mas a receita vem da doçaria portuguesa. Em Portugal a receita é feita basicamente de ovos, açúcar e amêndoas. A receita portuguesa chama-se **Brisa-do-Lis**. Segundo a tradição, em Portugal muitas roupas se engomavam com clara de ovos, por isso muitas gemas sobravam. Daí a origem de muitos doces portugueses como os Ovos d'Aveiro, os Pastéis de Belém e o Brisa-do-Lis. Em geral, foi da tradição portuguesa que os brasileiros herdaram a preferência pelo doce. Os índios e os africanos não traziam em sua cultura o hábito do consumo de doces. Os portugueses amavam os doces pela influência da cultura árabe.

Ao chegarem ao Brasil, os escravos na Bahia mudaram a receita da Brisa-do-Lis porque a amêndoa era difícil de encontrar. No entanto, na Bahia há muitos cocos e por isso eles entraram na receita dando origem ao tão popular e apreciadíssimo quindim. O nome quindim é de origem africana (Bantu) e significa dengo, encanto.

Normalmente, o doce pode ser preparado em formas pequenas como as de empadinhas ou em formas grandes de pudim. As versões maiores podem receber o nome de quindão.

No século passado, oferecer doces como presente era uma tradição. As donzelas e as moças embalavam em papel os apetitosos docinhos que suas mãos elaboravam. Assim a mulher se expressava. Tomava forma a linguagem do doce, cheia de significados e sentimentos. De fato, segundo a crendice popular, a moça que preparar quindim para seu namorado vai levá-lo ao altar! (Portanto, se você quiser casar, já sabe o que fazer! ☺).

MODO DE PREPARO

- 1 - Unte as forminhas com manteiga e polvilhe-as com açúcar em pó.
- 2 - Peneire as gemas para tirar a película.
- 3 - Misture o coco ralado, o leite e o açúcar.
- 4 - Acrescente a manteiga derretida, as gemas e misture bem, sem bater muito.
- 5 - Asse em banho-maria no forno a 150-180°, por 25-30 minutos ou até que o coco esteja douradinho.
- 6 - Desenforme não muito quente com a ajuda de uma faca bem afiada se precisar.

Essa receita rende, em média, de 20 a 30 quindims, dependendo do tamanho das formas (também pode utilizar uma forma maior e fazer um bolo só, um "quindão").

INGREDIENTES

- 15 gemas
- 1 xícara de leite
- 300 gramas de açúcar refinado
- 70 gramas de coco ralado
- 1 colher de manteiga
- açúcar em pó

DICAS

Pode-se utilizar coco ralado de pacote ou fresco, mas se for fresco, o sabor é muito melhor. Deixe descansar um tempinho na geladeira a mistura do coco, o leite e o açúcar para fixar ainda mais o aroma. Pode-se utilizar também umas gotas de suco de limão, fava ou essência de baunilha. Também leite de coco em vez de leite de vaca.

Coloque uma base de papel na travessa para forno. Isso evitará que as forminhas se mexam enquanto estiverem no forno. Ao peneirar as gemas, não aperte com colher e não raspe o fundo da peneira para a película não ir junto com a gema, ela pode deixar cheiro e gosto não muito agradável.

Sirva com um bom café e bom apetite!



Quindim: sugestão de apresentação



Com certeza curti muito. Compreendi perfeitamente a necessidade de aguentar um tijolo com a mão duas horas, o que o professor de pandeiro da Cissa a obrigou a fazer! Acho que um bom tocador de pandeiro precisa de muito mais tempo de treino. A aula foi uma maravilha. **Arturo (o rei da cuíca)**

A aula de percussão da Cissa foi muito pedagógica. Consegui em duas horas que alunos da Oficina de Conversação muito pouco instruídos na matéria da música terminassem dançando e tocando instrumentos de percussão brasileiros, africanos e indígenas... Nossa...!!!! **Myriam Simpática**

Eu gostei muito dessa história que a Cissa contou sobre o pandeiro, que pode fazer o som de quatro instrumentos (ou eram cinco?). Também adorei esse negócio das platinelas convexas (ou eram côncavas?).

Gente, parece que não me lembro dos detalhes, porém uma coisa ficou clara: o pandeiro brasileiro não tem raízes italianas. E essa é a maior derrota cultural dos últimos tempos, além de ser um golpe duro para o setor italiano da Oficina... **Valeria**

A paixão da Cissa pela música fez brotar em mim um desejo de aprender, de conhecer outros ritmos, de mexer nos instrumentos... Nunca tinha tido interesse e agora me vejo a cada minuto batendo canetas na mesa, chacoalhando qualquer coisa que emita sons, fazendo "reco-reco" com colheres, garrafas... Obrigado, Cissa! **Maroto**



É um instrumento idiofônico, ou seja, a vibração do corpo do instrumento que reverbera o som. Existem agogôs de materiais orgânicos, como cocos, mas o mais encontrado é o de metal. Para se tirar som desse instrumento bate-se com uma baqueta, que pode ser de madeira, nas "bocas", também chamadas de campânulas do instrumento. Outro recurso sonoro ou articulação é o choque entre as próprias "bocas".

Agogô



Seu corpo serve de caixa ressonante para o som produzido através do atrito com a baqueta, "varinha" que também é chamada de raspador, caracaxá ou querequexê. A forma mais comum é constituída de um gomo de bambu ou uma pequena ripa de madeira com talhos transversais. Outras formas encontradas é o reco-reco de mola usado nas baterias de escola de samba.

Reco-reco



O instrumento é executado por agitação. O percussionista segura o chocalho horizontalmente com uma ou ambas as mãos e o agita para a frente e para trás. Com pequenos movimentos giratórios, o músico é capaz de controlar a maneira como os grãos caem dentro do tubo, permitindo a variação de intensidade de acordo com os tempos fortes e fracos do ritmo.

Chocalho



Cuíca é um instrumento musical membranofone de fricção, espécie de tambor, com uma haste de madeira presa no centro da membrana de couro, pelo lado interno. O som é obtido friccionando a haste com um pedaço de tecido molhado e pressionando a parte externa da cuíca com dedo, produzindo um som de ronco característico. Quanto mais perto do centro da cuíca mais agudo será o som produzido.

Cuíca



Pandeiro é um instrumento musical de percussão com rodela (soalhas) duplas de metal enfiadas em intervalos ao redor de um aro de madeira. Pode ser brandido para produzir som contínuo de entrechoque ou percutido com a palma da mão e os dedos.

Pandeiro



Um especial agradecimento a Davide Toma pelo gentil empréstimo da sua cuíca



Aula de percussão com Clarissa Severo de Borba

No dia 14 de fevereiro deste ano, a professora Clarissa Severo de Borba, **Cissa** para os amigos, encontrou o pessoal da **Oficina de Conversação** para falar sobre a sua especialidade: os instrumentos de percussão.

Formada em percussão pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, fez o doutorado na University of Miami e desde 2005 é professora de percussão nos Conservatórios de Alençon e de Le Mans, onde é também coordenadora do departamento.

Atualmente é professora, chefe do departamento de percussão no Conservatório de Cholet e coordenadora regional de estudos de percussão do Pays de la Loire, na França.

Aqui os alunos contam um pouquinho dessa experiência:

A Cissa chegou sem fazer barulho. Ali estava entre nós, como qualquer um, sem deixar transparecer todo o seu potencial. Suas habilidades foram nos conquistando enquanto apresentava instrumentos que, por estranhos e simples que parecessem, conseguiram nos fazer vibrar com um som que não era para nós totalmente desconhecido. Foi um momento realmente delicioso. A cadência do som produzido pelo chocalho me fez pensar no importante que era sua contribuição ao conjunto instrumental e na beleza da simplicidade das coisas. A alma do Brasil estava ali com a gente. **Toninho**

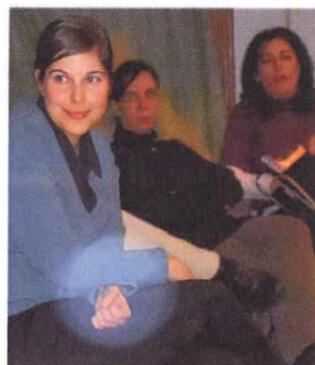


Caxixi, agogô, ganzá, tantã, xequerê... São palavras que agora têm um significado (e até ritmo nas mãos de alguns alunos) graças à aula da Clarissa. Foi uma autêntica caixa de surpresas todas aquelas curiosidades que descobrimos sobre os instrumentos de percussão. Uma salva de palmas bem percutidas! **Bea Simpática**

Um obrigadão à Cissa por nos introduzir com competência e doçura no riquíssimo mundo dos instrumentos de percussão brasileiros e por nos aproximar da "música universal" do alagoano **Hermeto Pascoal**. Vocês sabiam que no *Calendário do som* ele escreveu uma música para cada dia do ano em homenagem a todos os aniversariantes do mundo? **Ivan Montebugnoli**

A gente curtiu muito a aula de percussão. A Cissa nos fez dançar e tocar muitos instrumentos do Brasil. Eu escolhi a cuíca, porque acho que representa muito bem o som de muitas músicas brasileiras. Segundo o músico Oswaldinho da Cuíca, "ela tem uma sonoridade que envolve as pessoas, que atrai. É um instrumento de som mágico que às vezes parece gemidos de animais, outras, de pessoas. Não é um instrumento de percussão, mas de fricção..." **Paloma**

Adorei a aula musical da Cissa, o jeito dela nos apresentar os instrumentos alternando notas e sorrisos. Valeu mesmo! **Raffa**



A professora Clarissa Severo de Borba

Curti tanto a aula! Cissa tem uma grande capacidade de comunicação e síntese para poder apresentar todos aqueles instrumentos e fazer com que algumas ideias ficassem nas nossas cabeças! A exposição dos instrumentos foi muito boa e a roda de percussão muito divertida! **Bê Maluca**



Saúde

Dra. Eva Vegas

MUSICOTERAPIA

Na era das terapias alternativas, a musicoterapia, que forma parte das chamadas "terapias através das artes", surgiu como uma interessante opção terapêutica com evidência científica provada. A musicoterapia usa a música e os seus elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) criando um processo pelo qual é possível potenciar a comunicação, as relações, a aprendizagem, o movimento e a expressão, entre outras qualidades, para satisfazer as necessidades físicas, emocionais, mentais, sócias e cognitivas do ser humano doente ou saudável. Essa terapia singular pode chegar a reabilitar e até curar doenças físicas e psíquicas.

O uso terapêutico da música tem suas raízes já na pré-história, presente nos rituais mágico-religiosos curativos. Os primeiros escritos que falam dos efeitos da música sobre o corpo humano aparecem nos papiros egípcios. Neles o uso da música é descrito como agente capaz de curar o corpo, acalmar a mente e purificar a alma. Foi na antiga Grécia quando foram cogitados os fundamentos científicos da musicoterapia. Pitágoras falava da relação matemática entre os astros e a alma, assim as doenças eram o resultado de uma desordem harmônica na alma humana. Platão acreditava no caráter divino da música e como esta podia dar prazer ou sedar. E não devemos esquecer como Aristóteles expõe a sua teoria do Ethos, ou estados de ânimo, produzidos por diferentes músicas. Foi no século XIX e XX que a musicoterapia atingiu seu "status científico" e começou a ser aplicada como terapia psicológica.

Quanto aos efeitos sobre a conduta humana, existe evidência de que a audição de estímulos musicais produz mudanças nos sistemas de neurotransmissão cerebral. Desse jeito, por exemplo, os sons desagradáveis incrementam os níveis de serotonina, o hormônio relacionado com a depressão e com a agressividade. Ao contrário, as endorfinas, ou hormônios da felicidade, são estimulados pelos sons mais agradáveis.

Aliás, há dois tipos básicos de música segundo os efeitos sobre o ser humano: a tranquilizante (melódica, sustentada, com ritmo regular) e a estimulante que induz à ação e estimula as emoções. Com o seu poder de "mexer", a música produz múltiplas respostas energéticas voluntárias e involuntárias físicas e mentais nas diferentes etapas e momentos da vida.

Graças ao efeito musicalizador, os sons impregnam e começam a formar parte da experiência sonora da pessoa, constituindo a memória ou arquivo musical de cada um. É o nosso mundo sonoro interno e, portanto, nossa conduta musical é uma projeção da nossa personalidade. Escutando ou produzindo música, o ser humano manifesta-se como é ou como está em um determinado momento e vai agir segundo esse estado vital.

Usando estas duas qualidades (mobilizadora e musicalizadora) e seus efeitos sobre a conduta humana é como a musicoterapia faz seu trabalho, especialmente eficaz nas primeiras etapas da vida quando a personalidade ainda não está consolidada e o mundo sonoro interno está se criando.

Produzindo estímulos e criando um arquivo sonoro pessoal, com o uso de sons e instrumentos tão simples como a voz, as mãos ou um violão, um terapeuta experiente pode conseguir melhorar a motricidade e a comunicação não verbal das crianças e adultos com deficiências físicas e psíquicas severas, até limites que a fisioterapia não consegue atingir durante anos de tratamento.





Deleitura

Raffaella Bortolotto

O SENTIR LÍRICO DE CECÍLIA MEIRELES: "EU CANTO PORQUE O INSTANTE EXISTE."

Poetisa, professora, pedagoga e jornalista, **Cecília Benevides de Carvalho Meireles** (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1901 - 9 de novembro de 1964) é uma das vozes líricas mais importantes das literaturas em língua portuguesa.

Como ela mesma conta, a sua infância foi marcada pela dor e pela solidão, pois perdeu a mãe com apenas três anos de idade e o pai morreu antes do seu nascimento: "*Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. [...] Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida.*"

Cecília cursou a Escola Normal, formou-se professora e, com apenas 18 anos de idade, no ano de 1919, publicou seu primeiro livro, *Espectro* (vários poemas de caráter simbolista). Embora fosse o auge do Modernismo, a jovem poetisa foi fortemente influenciada pelo movimento literário simbolista. Em 1923 publicou *Nunca Mais...* e *Poema dos Poemas*, e em 1925 *Baladas para El-Rei*.

Cecília Meireles escreveu várias obras na área de literatura infantil como, por exemplo, *O cavalinho branco*, *Colar de Carolina*, *Sonhos de menina*, *O menino azul*, entre outros. Estes poemas infantis são marcados pela musicalidade, uma das principais características da sua poesia. Sua formação como professora e seu interesse pela educação levou-a a fundar, em 1934, a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro. Em 1939 publicou o livro *Viagem*. A beleza das poesias trouxe-lhe um grande reconhecimento dos leitores e

dos acadêmicos da área de literatura. Com este livro, ganhou o **Prêmio de Poesia** da Academia Brasileira de Letras.

Na sua poesia ela plasma o amor, a natureza, o infinito, a criação artística, seu sentir da fugacidade da vida: "*Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade.*"



Cecília Meireles

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Entrevista

Ivan Montebugnoli

MÚSICA EM PELOTAS



Isabel Porto Nogueira no Auditório do Conservatório

Aprendemos no ano passado, estudando as regiões do Brasil, que **Pelotas** é uma cidade do Rio Grande do Sul, na região Sul. O que ainda não sabíamos é que nessa cidade foi fundado em **18 de setembro de 1918** um importante **Conservatório de Música** que tem exercido sua atividade sem interrupção até hoje. O Conservatório funcionou como instituição particular até a sua municipalização em **1937** e a sua sucessiva agregação à Universidade Federal de Pelotas (**UFPEL**) em **1969**.

A atual diretora do Conservatório é **Isabel Porto Nogueira**, que reúne muitos mais cargos, apesar de ainda ser jovem, pois é também professora de Musicologia da UFPEL e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Musicologia e do Centro de Documentação da UFPEL. Além disso, é professora do Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da mesma universidade.

Vinda à Europa em fevereiro para dar uma palestra em Lisboa no âmbito do Congresso sobre **A Língua Portuguesa em Música** e outra em Madri na Universidade Autônoma, a professora Isabel aceitou o nosso convite e visitou a Casa do Brasil, esclarecendo num denso bate-papo algumas das suas linhas de pesquisa e alguns dos seus numerosos projetos, que buscam o levantamento de dados e a análise da história da música na cidade de Pelotas. Ela também pretende aplicar ao estudo da música e da sua história (**musicologia**) métodos da **etnomusicologia** (estudo antropológico do contexto cultural da música).

Aqui vamos tentar dar uma ideia da variedade abrangida por esses projetos, embora saibamos que o nosso esquelético resumo mal poderá dar conta da profunda, apaixonada e afável cultura de Isabel.

Ela tem se interessado pela produção e pelo ensino do pianista baiano **Antônio de Sá Pereira** e do barítono gaúcho **Andino Abreu**, respectivamente primeiro diretor e professor de piano e primeiro professor de canto do Conservatório de Pelotas no período de **1818-1823**. O projeto idealizado por **Guilherme Fontinha** (1887-1970), então diretor do Conservatório de Porto Alegre, previa a criação de um movimento musical autônomo no Rio Grande do Sul, além da circulação de artistas nacionais e internacionais e da educação musical da juventude, com o intuito de tirar a prática musical do âmbito familiar e diletantístico para que também as alunas pudessem aspirar a um futuro profissional. Isso explica a presença de compositores modernos e contemporâneos na atuação de Sá Pereira assim como o fato de ser Andino Abreu um dos primeiros intérpretes de **Camargo Guarnieri** (1907-1993), figura chave da música nacionalista brasileira. Por outro lado, se pensarmos que Sá Pereira foi amigo de **Mário de Andrade** (1893-1945) e que seus artigos antecipam ideias inovadoras da **Semana de Arte Moderna** de 1922, aparecerá cada vez mais claro que São Paulo e o Rio não foram os únicos centros irradiadores das novidades culturais: o Brasil parece ser mais bem uma sinfonia polifônica (nunca melhor dito).

Falta aqui o espaço, como no bate-papo faltou o tempo, para falarmos de todos os demais projetos da nossa infatigável pesquisadora, alguns já concluídos outros ainda em andamento: sobre a impressão e a publicação de edições musicais em Pelotas no período 1850-1950; sobre as notícias e imagens publicadas sobre música na revista "Ilustração Pelotense" (1919-1927); sobre a representação da mulher através da música entre 1920 e 1960; sobre a memória de músicos vivos que foram alunos no Conservatório ou que atuaram em Pelotas; e mais outros.

Quem quiser mais informações poderá procurá-las na internet ou consultar na biblioteca da Casa do Brasil a miscelânea **História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPEL** que Isabel nos doou quando da sua visita.

Quase esquecia: como as pessoas legais gostam umas das outras, Isabel é amiga e admiradora de **Clarissa Severo de Borba**. Caso vocês não conheçam a **Cissa**, leiam nas páginas 24 e 25 alguns comentários sobre a sua aula de percussão para o pessoal da Oficina.



Belezas de pedra

Sambódromo

Ana Maria Pereira



Projeto da reforma da Marquês de Sapucaí

O sambódromo do Rio ganhou nova roupagem neste Carnaval de 2012. Depois de encerrada a folia de 2011, a passarela oficial do samba carioca começou a reforma orçada em 30 milhões de reais que foi custeada pela Ambev.

Os camarotes do antigo Setor 2 foram derrubados para dar lugar a quatro módulos de arquibancadas, camarotes e frisas, similares aos existentes do outro lado da passarela, seguindo o projeto original de Oscar Niemeyer. Com a reforma, a passarela passou a ser simétrica, o que não tinha sido possível em 1984, devido à presença de uma unidade industrial da cervejaria Brahma no local. Para tirar a obra do papel, a prefeitura costurou um acordo com a cervejaria que incluiu modificações na legislação urbanística da área da fábrica permitindo que esta construa um prédio de escritórios e salas comerciais com 26 andares (até 80 metros de altura) no local. Pela legislação urbanística antiga, a área só poderia ser ocupada por prédios baixos.

A mudança atende uma reivindicação antiga dos sambistas e agremiações. A Sapucaí ganhou mais espaço para seus foliões, aumentando a capacidade de 60 mil para 78.840 lugares. Os novos setores da Passarela do Samba já nascem com acessibilidade para deficientes físicos, que ganharão rampas e elevadores. As obras também permitirão que o público tenha uma visão completa da Praça da Apoteose de qualquer ponto do Sambódromo. Isso nunca foi possível, devido ao prédio da Brahma.

O Sambódromo será local, nas Olimpíadas de 2016, da chegada da maratona de rua e das provas de tiro de arco. Este remodelamento do local já estava previsto no caderno de encomendas repassadas ao Comitê Olímpico Internacional (COI). Além de abrigar o desfile das escolas de samba, a passarela é palco de outros acontecimentos, como shows de música, cultos evangélicos, exposições de motociclismo, ópera, etc.

Forró dromo

Paloma Ramos

Campina Grande, localizada no estado da Paraíba, é a maior cidade do interior do Nordeste, com 500 mil habitantes. A cidade oferece trinta dias ininterruptos de forró no Parque do Povo. O local tem 40 mil metros quadrados de área aberta e grande estrela do parque é o **Forró dromo**.

Da palhoça à pirâmide: Ao longo de mais de 25 anos o Parque do Povo passou por muitas transformações. A festa ganhou novos incrementos culturais até os dias de hoje. No começo existia apenas uma palhoça. Na época as pessoas se reuniam no mês de junho para celebrar os festejos juninos, dançando muito forró e saboreando as comidas típicas da região. A palhoça foi derrubada em 1983. Logo após, o poeta Ronaldo Cunha Lima teve a ideia de profissionalizar o evento ali existente, construindo um monumento em forma de pirâmide (muito em voga nos anos 80) e o batizando de Forró dromo. O local foi projetado pelo arquiteto Carlos Alberto de Almeida e construído pela Enarq, sendo inaugurado em 14 de maio de 1986. No dia 31, seria o palco da festa que consagraria Campina Grande nacionalmente, com o chamado "Maior São João do Mundo". O evento cresceu, atraiu as atenções de todo o Brasil, entrou para o calendário oficial de eventos brasileiros.

O maior forró do mundo não veio somente proporcionar alegria aos forrozeiros do São João de Campina Grande. Ele fez muito mais do que se esperava: levou aos desempregados do município uma fonte para garantir sua sobrevivência e um incremento na renda familiar àqueles que já têm seu emprego garantido.



Biografia

Ivan Montebugnoli

ZÉLIA GATTAI: UMA BRASILEIRA... ITALIANA

Caçula de dois irmãos e três irmãs, Zélia Gattai nasceu em **2 de julho de 1916** em **São Paulo**, filha de imigrantes italianos. Lá, na casa da **alameda Santos, nº 8**, ela cresceu e morou até a adolescência, numa família e num ambiente onde se falava português, mas também italiano. Em italiano o pai contava histórias aos filhos, em italiano surgiam do coração as exclamações (*Dio mio! Mamma mia! Madonna mia santissima!*) e mesmo algumas blasfêmias (*Dio cane! Dio boia!* Acho melhor não traduzirmos...), em italiano eram designados o avô materno, *nono* (Eu)Gênio, e alguns pratos (espaguete e risoto com *vóngole*, marisco, ou de *funghi secchi* com *zafferano*, fungos secos com açafrão).

Zélia participava com a família do movimento político-operário de ideias socialistas e anarquistas que tinha lugar entre os imigrantes italianos e de mais outras nações. Para ela, anarquia não significava desordem e bagunça, como lhe diziam na escola, e sim liberdade e solidariedade. Em seguida ela apaixonou-se também pela literatura, lendo, além de escritores brasileiros e franceses, a *Divina Comédia* do italiano Dante Alighieri, que lhe pareceu "simplesmente maravilhoso".

Aos 17 anos, emprestado por Oreste Ristori, um velho anarquista italiano amigo do avô paterno, Zélia leu *Cacau de Jorge Amado*, o homem que seria seu companheiro de vida durante 56 anos e com quem ela teve dois filhos, **João Jorge** (1947) e **Paloma** (1951). Os dois se conheceram pessoalmente em maio de **1945**, quando o escritor baiano desenvolvia militância política como membro do Partido Comunista: foi amor à primeira vista.

Zélia, que já tinha se separado do intelectual e militante comunista Aldo Veiga, com quem em 1942 tinha tido o filho **Luiz Carlos**, casou-se com Jorge Amado poucos meses depois e ficou ao seu lado até a morte dele em 2001. Ela o acompanhou no trabalho literário, passando a limpo, à máquina, seus originais e auxiliando no processo de revisão; e nas peripécias existenciais: no **Rio**, então capital do Brasil, quando Jorge Amado foi eleito deputado federal; depois, por ser o Partido Comunista declarado ilegal, no exílio em **Paris**. Contudo, os comunistas também não eram bem-vindos na França; portanto, de 1950 a 1952 eles moraram na então **Tchecoslováquia**. Porém,

diante dos crimes do regime stalinista naquele país, a família regressou ao Brasil e mudou-se para Salvador da Bahia, no bairro do **Rio Vermelho**.

Foi então, aos 63 anos, que Zélia publicou em **1979** seu primeiro livro, **Anarquistas, graças a Deus**, memórias da sua família de imigrantes italianos. Os avós paternos tinham ido ao Brasil para participarem no Paraná da fundação de uma comunidade socialista experimental, a **Colônia Cecília**, que resultou logo em nada; os avós maternos, católicos que não se interessavam por política, para substituírem os escravos nas plantações de café. Diferentes os motivos da imigração, mas comuns os resultados: miséria, sofrimentos, dificuldades.

Graças a esse e a outros livros que vieram depois, em 2001, o mesmo ano da morte do marido, a escritora foi eleita para a **Academia Brasileira de Letras**, para a cadeira 23, anteriormente ocupada por Jorge Amado, e que tinha tido Machado de Assis (o Dante da literatura brasileira!) como primeiro ocupante e José de Alencar (o autor do romance *O Guarani*; vocês se lembram?) como patrono. Sete anos depois, Zélia faleceu em **17 de maio de 2008** no Hospital da Bahia, em **Salvador**.

É impossível aqui eu falar dos tantos aspectos da história e dos costumes brasileiros que aparecem na sua primeira e talvez mais famosa obra, tudo contado do ponto de vista de uma menina brasileira de origem italiana. No entanto, a pergunta é: teria sido Zélia Gattai a escritora que foi, se ela não tivesse tido origens italianas? E mais em geral: seria o Brasil o colorido país que é sem a presença da numerosa e vital comunidade italiana? A vocês a resposta.

Eu só gostaria de concluir com uma reflexão sobre o papel da música nos *Anarquistas*, onde ela aparece também como meio de aprendizagem linguística: a jovem Zélia aprendeu espanhol escutando e acompanhando canções nessa língua. Ora: não é justo isso o que está fazendo o pessoal da Oficina neste ano: aprofundarmos nossos conhecimentos de língua e cultura através do estudo das músicas e dos ritmos do Brasil?

Zélia Gattai
e
Jorge Amado





Momento poesia

Begoña Montes

Visite: <http://bmontes.wordpress.com>

A incerteza
não tem nome,
nem rua,
nem caminho,
você não sabe
mas tem cheiro.

A certeza
de não sermos,
de não mais ir.



A viagem
sem fundo,
sem chão;
ninguém
sabe quando,
se alguém souber como...

Curtindo cultura

Silvia Colodrón

JOGADA A TRÊS BANDAS

No próximo mês de abril será inaugurada a segunda edição do projeto "Jogada a três bandas: galerias de arte+curadores+artistas" dedicado a Portugal.

O objetivo deste projeto iniciado na Áustria é dar a conhecer artistas contemporâneos que estão começando no mundo da arte. Este ano o país convidado da "Jogada a Três Bandas" realizado na Espanha é Portugal. Isto quer dizer que pelo menos uma das três bandas tem que ter origem portuguesa. Este ano um total de 18 espaços (16 galerias e dois espaços convidados) participarão na convocação.

A galeria **Blanca Berlin**, colaboradora neste projeto, organiza a exposição **Nova/Velha Vida** cujos artistas **André Cepeda** (Coimbra), **Dalila Gonçalves** (Castelo de Paiva) e **Linarejos Moreno** (Madri) tentam mostrar que há vida depois da morte e que a natureza continua transformando-se. Usam objetos já existentes e os dotam duma natureza artística.

A apresentação de **JOGADA A TRÊS BANDAS 2012: PORTUGAL** acontecerá em uma inauguração conjunta de todas as galerias participantes no sábado 14 de abril de 2012. Durante esse dia os visitantes poderão marcar o seu próprio percurso para visitar as diferentes mostras entre as 12 horas da manhã até às 20h30 horas.

Para mais informação:

www.blancaberlingaleria.com

www.a3bandas.org

Forró

O forró é uma dança popular de origem nordestina. Esta dança é acompanhada de música, que possui o mesmo nome, cuja temática é ligada aos aspectos culturais e cotidianos da região Nordeste do Brasil.



FORRÓ

HISTÓRIA DO FORRÓ

De acordo com pesquisadores, o forró surgiu no século XIX. Nesta época, como as pistas de dança eram de barro batido, era necessário molhá-las antes, para que a poeira não levantasse. As pessoas dançavam arrastando os pés para evitar que a poeira subisse. O nome forró era usado só para designar o local onde aconteciam os bailes e só mais tarde foi caracterizado como estilo musical, derivado do baião.

ORIGEM DO NOME

A origem da palavra forró é controversa. Há uma versão dada pelo historiador e pesquisador da cultura popular Luís da Câmara Cascudo, que diz que a origem é o termo africano "forrobodó", que significa festa, bagunça. Assim então eram chamados os bailes comuns frequentados pelo povo e, com o tempo, por ser mais fácil pronunciar, acabou se tornando simplesmente "forró".

REPRESENTANTES DO FORRÓ

A popularização do ritmo se deu mesmo a partir da década de 40, com **Luiz Gonzaga**, pernambucano que foi para o Rio de Janeiro e gravou inúmeras músicas que falavam do cotidiano nordestino. A música nordestina de Luiz Gonzaga sofreu preconceito no início. Porém, o forró foi conquistando o grande público, deixando de ser uma música só para saudosos migrantes nordestinos ou pessoas de classe social inferior. Outra figura chave no forró foi o paraibano **Jackson do Pandeiro**. Ao

Carmen Santa Maria

lado de Luiz Gonzaga, o responsável pela nacionalização de canções nascidas entre o povo nordestino.

A MÚSICA "NORDESTINA" DO SUDESTE

Desde o início do século XX, e com mais força na segunda metade da década de 50, percebemos a presença da música nordestina no sul do país. Os forrós (casas de dança) no Sul e Sudeste surgiram entre 1955 e 60, no auge da migração de nordestinos para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, à procura de trabalho. Nas horas de lazer, esses trabalhadores - vindos dos mais variados pontos do Nordeste - reuniam-se com outros nordestinos para cantar e tocar.

Depois de um período de certo esquecimento, alguns artistas na década de 60 (Gilberto Gil, Caetano Veloso, etc.) deram um empurrão e nova valorização a essa música, compondo e gravando músicas no estilo. A mídia teve uma forte influência nesse aspecto, tanto o rádio como a televisão. A partir daí, o forró invadiu as universidades via centros acadêmicos, até virar moda dentro de ambientes mais intelectualizados.

DANÇA, MÚSICA E INSTRUMENTOS

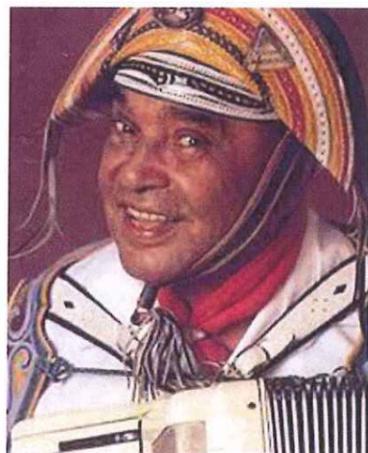
Uma das principais características do forró é o ato de arrastar os pés durante a dança. Esta é realizada por casais, que dançam com os corpos bem colados, transmitindo sensualidade. A coreografia do forró não é de passos determinados, ela consiste basicamente no improviso dos movimentos. Isso também se aplica às letras das músicas, inspiradas nas circunstâncias. A quantidade de músicos pode variar bastante: são predominantemente em número de três, os chamados Trios de Forró, mas ocasionalmente este número pode cair para dois ou até mesmo um. Os instrumentos são basicamente: **sanfona**, **triângulo** e **zabumba**, podendo ainda fazer parte a rabeça, o pandeiro e o agogô.



Instrumentos do forró: sanfona, triângulo, zabumba



Luiz Gonzaga



Luiz Gonzaga, o rei do baião

Luiz Gonzaga do Nascimento nasceu em Exu, interior de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912. Filho de seu Januário, o melhor sanfoneiro do sertão pernambucano, a quem tantas vezes homenageou, trabalhou na roça e animou os bailes da região com sua sanfona.

Antes dos dezoito anos Luiz teve sua primeira paixão: Nazarena, uma moça da região. Foi rejeitado pelo pai dela, que não o queria para genro e ameaçou-o de morte. Revoltado por não poder se casar com a moça e por não querer morrer nas mãos do pai dela, Luiz fugiu de casa e ingressou no Exército em Crato, no Ceará.

Partiu para o Sudeste do país em 1939, com o Exército e percorreu com o batalhão terras paraibanas, mineiras (onde conheceu o famoso sanfoneiro Domingos Ambrósio, que lhe ensinou mais sobre música) e paulistas.

Em 1939, saiu do Exército na cidade do Rio de Janeiro decidido a dedicar-se à música. Na então capital do Brasil, fez de tudo um pouco. Começou a tocar nas áreas de prostituição da cidade e em bares de beira de cais. Mas foi exatamente aí que ouviu um sujeito lhe dizer para começar a tocar aquelas músicas boas do distante Nordeste. Pensando nisso compôs: "Pés de Serra" e "Vira e Mexe". Sabendo que o rádio era o melhor veículo de divulgação musical daquela época (corria o ano de 1941) resolveu participar do concurso de calouros de Ary Barroso onde apresentou sua música e ganhou o primeiro prêmio. Isso abriu caminho para que pudesse vir a ser contratado pela emissora Nacional, gravando, nos primeiros tempos, muita música instrumental.

Em parceria com Humberto Teixeira, fez o baião virar moda. Em 1946, a música de ambos

Desirée Del Rio

explodiu no mercado musical. A canção apresenta o gênero, com uma letra que é um convite ao também novo ritmo de dança:

"Eu vou mostrar pra vocês / Como se dança o baião / E quem quiser aprender / É favor prestar atenção / Morena chegue pra cá / Bem junto ao meu coração / Agora é só seguir / Pois eu vou dançar o baião."

E... o que é o baião? É um ritmo musical nordestino, acompanhado de dança, muito popular. O baião utiliza os seguintes instrumentos musicais: viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e acordeão. Os sons destes instrumentos são intercalados pelo canto. A temática do baião é o cotidiano dos nordestinos e as dificuldades da vida.

No decorrer destes vários anos, Luiz Gonzaga foi simbolizando o que melhor se tem da música nordestina. Ele foi o primeiro músico a assumir a nordestinidade representada pela sanfona e pelo chapéu de couro. Cantou as dores e os amores de um povo que ainda não tinha voz.

Ganhou notoriedade com as antológicas canções Baião (1946), Asa Branca (1947), Siridó (1948), Juazeiro (1948), Qui Nem Giló (1949) e Baião de Dois (1950). Nos seus vários anos de carreira nunca perdeu o prestígio, apesar de ter se distanciado do palco várias vezes. Os modismos e os novos ritmos desviaram a atenção do público, mas o velho Lua nunca teve seu brilho diminuído. Quando morreu em 1989 tinha uma carreira consolidada e reconhecida.

Seu som agreste atravessou barreiras e foi reconhecido e apreciado pelo povo e pela mídia. Mesmo tocando sanfona, instrumento tão pouco ilustre. Mesmo se vestindo como nordestino típico (alguns o descreviam como usando roupas do bandido Lampião). Talvez por isso tudo tenha chegado onde chegou. Era a representação da alma de um povo, era a alma do Nordeste cantando sua história. E ele fez isso com simplicidade e dignidade.

A música brasileira só tem que agradecer. Por isso, este ano a Escola Unidos da Tijuca (Rio de Janeiro) definiu seu samba-enredo para o desfile de Carnaval no Sambódromo com o título "O dia em que toda a realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão".

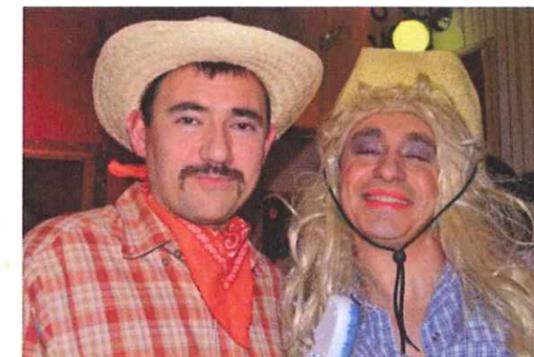
E foi a campeã. Ele merece!

Eventos

Miguel Lora Maroto

FESTIVAL MUNDIAL DE MÚSICA SERTANEJA 2011

O maior evento musical do ano aconteceu no mês de dezembro de 2011. O que vocês estavam esperando o ano todo! O famoso Festival Mundial de Música Sertaneja que desta vez foi celebrado na Espanha, em Madri, no bar "El



Dupla vencedora do Festival: Macho que é Macho & Mestre Ivaninho

Trece", da rua El Barco. Imaginem só os problemas logísticos de deslocar uma equipe tão grande para o outro lado do oceano. Aliás, não foi fácil convencer o pessoal e lhes roubar sua querida festa, embora fosse uma grande oportunidade para espalhar a música sertaneja pelo mundo. Tudo isso só foi possível graças ao grande esforço de produção da *Grohs-Kmaid Entertainment*.

O programa desta edição prometia: rodeio, culinária sertaneja, causos contados ao vivo, duplas, trios e uma grande diversidade de artistas consagrados e novas apresentações... Puro sabor do sertão!

Eis a lista dos artistas convidados:

Ana Teteia & Dindinha
Bebé & Vavá
Dedé Reis
Macho que é Macho & Mestre Ivaninho
Maleka & Moleca
Manolo & Leonarda
Maroto & Desi
Mikhalcetin & Seu Joanete
Trio SILEVA BEM
Zezé Di Almendros & Jaimiano

Houve inúmeras surpresas desde o início: a nova e prometedora geração de contadores de causos (Ana, Dindinha, Desi e Maroto), a volta da dupla Manolo e Leonarda com *É o amor* que emocionou o público, Mikhalcetin & Seu Joanete, ora choravam, ora riam, Bebé, que atingiu o máximo nível com sua parceira Vavá, as SILEVA BEM e o seu jeito insinuante de se mexer, a emoção de Jaimiano e o mistério de Zezé, Dedé, sozinho, e autor da

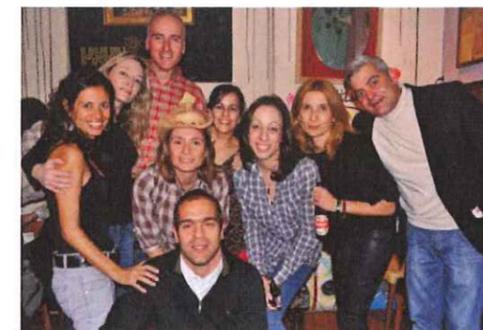
sua própria música... e Maleka & Moleca, que delícia, quase nos matam!

E então chegou o momento da noite: aquela luz suave invadindo a sala, silêncio absoluto e o espírito de Leandro e Leonardo fluando no ar enquanto o público feminino suspira com a

chegada do macho. Do Macho que é Macho. Ele, homen com estilo, de chapéu e camisa xadrez, começa a falar, hipnotizando as mulheres e provocando inveja nos homens. Vai preparando o ambiente para a chegada da *Mestra Ivaninha*, loira toda charmosa e delicada, que não deixa ninguém indiferente.

Perguntaram pra mim se ainda gosto dela... como não gostar dela? O público, cativado, morre de amor por ela e sempre quer mais. A nova performance de "Entre tapas e beijos" foi, além de surpreendente, a gota de frescor e originalidade que o festival precisava, mas mesmo assim, foi muito complicado atingir e até ultrapassar o nível geral dos artistas convidados.

Nas votações do júri houve tensão e nervosismo, mas também se notava a certeza de que não havia opção, pois o público já tinha escolhido seus campeões. Nada a dizer. Ao grito de "outra, outra", Macho que é Macho & Mestre Ivaninho voltaram a deleitar o público que agradeceu com grande emoção e entusiasmo.



Alguns artistas Malucos, Simpáticos e Teteias convidados para o Festival



Zezé di Camargo & Luciano

Iván López Roig



Os irmãos Zezé Di Camargo & Luciano

*É o amor
Que mexe com minha cabeça
E me deixa assim...*

Este é o fragmento mais famoso da letra da canção “É o Amor” do disco de lançamento da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano. Foi em 1991 que o disco lançava seus intérpretes ao primeiro lugar nas paradas.

Mas nem tudo começou assim. Fã de Tonico e Tinoco, outra dupla de sucesso, seu Francisco, um lavrador de Pirenópolis, cidadezinha do interior de Goiás, tinha um sonho: ter dois filhos homens que pudessem formar uma dupla sertaneja. Nasceu Mirosmar José em 1962, seu primogênito, e depois Emival, o parceiro que faltava. A dupla **Camargo e Camarguinho**, de origem bem humilde e família numerosa, começou com uma sanfona e um cavaquinho tocando canções de Tonico e Tinoco, mas a desgraça caiu sobre a dupla de meninos e um acidente de carro tirou a vida de Emival aos 11 anos de idade.

Em 1987, Zezé partiu para São Paulo em busca da carreira solo. Gravou alguns discos e compôs para outras vezes famosas como **Leandro e Leonardo**, mas não foi até que Weson David “Luciano”, o filho mais novo de seu Francisco e Dona Helena, entrasse em cena para mostrar a Zezé o que tinha aprendido como cantor, que começou a aventura da dupla. “Vi que ele tinha tino para a coisa”, lembra Zezé, que precisava mesmo encontrar um parceiro. E assim foi feito. Eles assinaram contrato com a gravadora Copacabana.

Uma curiosidade, com a qual podemos perceber como seu Francisco sempre desejou o sucesso dos seus filhos, foi que, quando Zezé deixou na rádio Terra de Goiânia uma fita com o tema recém composto “É o Amor”, seu Francisco, sempre incentivador, comprou 500 fichas telefônicas por semana e as espalhou pela vizinhança para ligarem à rádio e solicitarem a música. Deu certo: em 15 dias “É o Amor” era a mais pedida da cidade. Chegaram a um milhão de cópias vendidas em pouco mais de um ano. Depois veio mais outro e mais outro e mais outro, somando hoje a marca de 36 milhões para 21 álbuns (sendo 18 de carreira, dois em espanhol e um álbum duplo ao vivo, em 19 anos). Também realizaram projetos especiais como trilhas sonoras de novela e o cd do projeto “Amigos”. No palco, esta história se traduz em 130 shows por ano e 40 mil pessoas, em média.

Eles alcançaram fama e prestígio além das fronteiras, por exemplo, em Tóquio, onde a dupla arrebatou multidões em 2004 e 2005. Ganharam dois Grammys latinos e, além disso, levaram o prêmio como melhor dupla da Academia Brasileira de Letras em 2004. Mas para Zezé o maior prêmio é “o carinho e a retribuição do público”.

Só faltava um filme na vida de ambos. E chegou. Breno Silveira fez o longa-metragem “2 Filhos de Francisco”. Foi o filme brasileiro mais visto nos cinemas em 2005 e conseguiu entrar para o *Guinness World Records* ao reunir em uma única sessão o maior número de espectadores ao ar livre em 2006, no centro da capital paulista.



Cena do filme 2 Filhos de Francisco

As últimas notícias dizem que os irmãos tiveram uma briga feia e chegaram a declarar o fim da dupla, mas quase todo Brasil e uma grande parte da Espanha, sobretudo na Casa do Brasil e, mais concretamente, na sala de aula dos Simpáticos, só desejam uma coisa: que o fato só seja mais uma briga entre irmãos e todos nós continuemos curtindo os maravilhosos temas da dupla sertaneja mais famosa do Brasil.

Não deixe o samba morrer... Beatriz Rivas

Diz a canção que “o samba nasceu lá na Bahia” e “se hoje ele é branco na poesia, ele é negro demais no coração”. De fato, o nome e os ritmos deste gênero musical vêm do samba angolano, que na **Bahia** vai se manifestar no “samba de roda” e tornou-se em 2005 Patrimônio da Humanidade da Unesco.

Embora o samba tenha as suas raízes na cultura africana e na Bahia, o gênero musical desenvolveu-se como tal na cidade do **Rio de Janeiro**. Com a abolição da escravidão, muitos escravos saíram das plantações e se instalaram na então capital do Império. Na cidade carioca, os ritmos dos escravos africanos iriam se misturar com a música europeia tocada na capital como a polca, o maxixe, o lundu e o xote, surgindo os diferentes subgêneros do samba moderno. Formaram-se as comunidades ou favelas, berços e cenários da cultura negra brasileira como o candomblé ou as **Tias Baianas**. Talvez a mais conhecida fosse a **Tia Ciata** e era na casa dela onde havia festa dos terreiros com batuque, roda de samba e boas comidas e onde se reuniam os grandes compositores do momento como **Donga, Pixinguinha**, ou **Sinhô**. Dessas reuniões improvisadas, saiu o samba “**Pelo Telefone**”, que entraria na história como o primeiro samba gravado em 1917, embora a sua autoria seja muito discutida. Porém, o samba e as suas letras sobre a realidade cotidiana estavam nas ruas. A difusão do gênero foi difícil pelo fato dos sambistas serem pessoas de uma classe social mais pobre. De fato, os bairros populares eram “**redutos de malandros**” e a polícia não gostava dessas festas porque os artistas de samba eram vistos como perigosos. Em 1928 foi criada a primeira **Escola de Samba** no Rio, a **Deixa Falar**, no bairro da **Estácio de Sá**, que marcaria o samba por injetar ao gênero uma cadência mais picotada ou marchada e influenciaria os morros da Mangueira, reduto do amado **Cartola, Salgueiro e Osvaldo Cruz**, entre outros.

Entre 1920 e 1940, o samba deixaria de ser uma expressão local e seria transformado pelo governo. A figura principal desta mudança

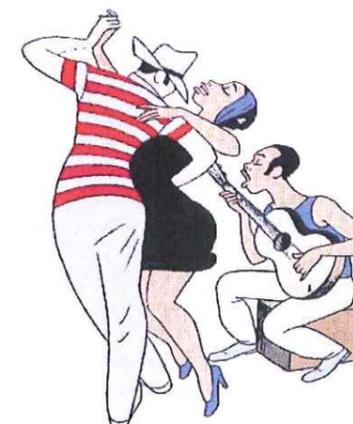
foi **Getúlio Vargas**, quem criou uma nova identidade brasileira. Difundido pelas ondas do rádio, o samba seria conhecido em todo o Brasil e elevaria o gênero musical à condição de produto nacional. Surgiu então o **samba canção**, com grandes hinos como **Aquarela do Brasil** de **Ary Barroso** ou **Ai, Ioiô**. Aparece o **samba de breque** e encontramos na época grandes figuras como **Noel Rosa** ou **Dorival Caymmi**.

Também os **desfiles de carnaval** mudaram e receberam a regra de representar a pátria. É assim como as escolas de samba passaram de ser algo marginal e quase proibido a ser um símbolo brasileiro e começam a ser admitidas pela classe média branca. Uma ironia que na época do fascismo fossem aprovadas as músicas escritas por compositores pretos.

Com o fim do relacionamento com o fascismo e a aproximação aos EUA, o samba tornou-se não só um símbolo nacional, mas também um símbolo internacional. O melhor exemplo disso é a figura de **Carmen Miranda** e o samba por ela cantado **Disseram que eu voltei americanizada**, em contestação às críticas recebidas pelo seu afastamento do “autêntico” samba.

O samba continuou recebendo novas influências dos ritmos latinos e norte-americanos como no caso do subgênero **samba de gafieira**. Tanto foi assim que, na década de 50, o Brasil tem uma projeção ainda mais internacional, não só pelo Carnaval e por ser o vencedor da Copa do Mundo ou pelos projetos da nova capital pela mão de JK, mas também pela aparição de um novo gênero musical: a **bossa nova**, com as figuras de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Mas essa já é outra história...

Sendo o samba um dos ritmos musicais mais conhecidos em toda a história da cultura brasileira, tem o seu **Dia Nacional**, que é celebrado no dia 2 de dezembro. Aliás, é considerado **Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil**. Então, a dica é fácil: continuem sonhando com **pandeiros, cuícas, surdos e tamborins** e, como não, com um malandro ou cabrocha com quem dançar numa roda de samba improvisada, ainda que cantem “*Não posso ficar nem mais um minuto com você...*”





Noel Rosa

Marina González

CONVERSA DE BOTEQUIM

*“Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada,
Um pão bem quente com manteiga à beça,
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada.*

*Feche a porta da direita com muito cuidado
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol.
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol.”*

Com esta letra do samba “**Conversa de botequim**” retrata Noel Rosa a vida do malandro do Rio de Janeiro. **Noel de Medeiros Rosa** (Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1910 - Rio de Janeiro, 4 de maio de 1937) foi um sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil.

Sua contribuição fundamentalmente foi a transformação do samba de uma música do morro a uma música do “asfalto”, ou seja, consumida também pela classe média e ouvida no rádio, principal meio de comunicação em sua época.

Noel nasceu de um parto difícil no qual o uso do fórceps pelo médico lhe causou um afundamento da mandíbula que o marcou para toda a vida. Carioca, criado no bairro de Vila Isabel, foi filho do comerciante Manuel Garcia de Medeiros Rosa e da professora Martha de Medeiros Rosa. Noel era de família de classe média, tendo estudado no tradicional Colégio São Bento de 1923 a 1928.

Aprendeu a tocar bandolim e, posteriormente, violão. Começou a estudar Medicina, porém abandonou seus estudos para dedicar-se à vida de artista, em meio ao samba e a noitadas regadas à cerveja.

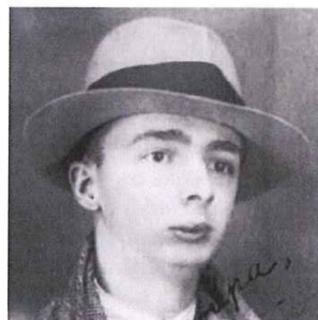
Foi integrante de vários grupos musicais, como o Bando de Tangarás, ao

lado de João de Barro (Braguinha), Almirante Alvinho e Henrique Brito. Em 1929 fez suas primeiras composições: “Minha Viola” e “Toada do Céu”, foi, contudo, em 1930 que o sucesso chegou, com o lançamento de “Com que roupa?”, um samba bem-humorado que hoje é um clássico do cancioneiro brasileiro.

Noel era um talentoso cronista do cotidiano, com uma sequência de canções que primam pelo humor e pela veia crítica. Durante a década de 1930, tornou-se um compositor extremamente criativo e protagonizou uma carreira vertiginosa, com mais de uma centena de composições, entre sambas e marchinhas. Trabalhou com dezenas de parceiros. Foi nessa época que compôs os sucessos “Feitiço da Vila”, “Filosofia”, “Fita Amarela”, “Gago Apaixonado”, “O x do Problema”, “Palpite Infeliz” e “Pra que Mentir”.

Casou-se em 1934 com Lindaura, mas era apaixonado mesmo por Ceci, a dama do cabaré. Já doente de tuberculose, mudou-se para Belo Horizonte, trabalhou na Rádio Mineira e entrou em contato com compositores amigos da noite, como Rômulo Pais, recaindo sempre na boemia.

Noel faleceu em sua casa no bairro de Vila Isabel no ano de 1937, aos 26 anos, em consequência da doença que o perseguia desde sempre. Sua música, no entanto, está mais viva do que nunca, cantada pelo povo e por intérpretes de velhas e novas gerações de brasileiros.



Noel Rosa

Música sertaneja

Arturo González



Chitãozinho e Chororó

A música sertaneja surgiu na década de 1910. Os cantores sertanejos, nordestinos do interior, cantavam com as suas vozes ásperas cantigas da terra improvisando duos musicais e falando da dureza da vida no sertão, do caráter reservado do sertanejo e da morte. Os protagonistas eram os boiadeiros, o gado, as mulas e os pássaros. Os instrumentos eram a viola caipira, a sanfona e a gaita. Os sertanejos migravam para a cidade de São Paulo fugindo da seca à procura de trabalho levando a sua música e trocando suas experiências com os caipiras que vinham das zonas rurais dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. A influência era mútua e o gênero foi conhecido também como música caipira.

O primeiro sucesso da música sertaneja foi **Toada de Caboclo de Caxangá** de João Pernambuco (1914), mas o pioneiro do movimento foi o jornalista e escritor Cornélio Pires que, além de organizar encenações teatrais, lançou o livro “Musa Caipira” com versos típicos do sertão e criou a dupla **Caçula e Sorocabinha**. Em 1929, depois de ser rejeitado pela gravadora Columbia, Cornélio Pires bancou a gravação do primeiro álbum de música caipira, o qual foi um verdadeiro sucesso esgotando-se nas lojas. A RCA respondeu montando o grupo “Turma caipira da Victor”.

Na década de 30 surge uma das duplas mais importantes: **Alvarenga e Ranchinho** com suas

paródias e o primeiro programa de rádio dedicado à música sertaneja: **Três Batutas do Sertão**. Já nessa época o gênero tinha se expandido por quase todo o país.

A guitarra elétrica e o ritmo jovem são introduzidos nos anos 60. A inspiração urbana e as canções de amor romântico em ritmo de balada ficaram muito populares e duplas como **Leandro & Leonardo** e **Zezé Di Camargo & Luciano** tornaram-se muito famosas.

Nos anos 80, o rock brasileiro tem muita importância, mas grande parte da população, de migração recente do campo para a cidade, consome música sertaneja. Em 1982 surge a dupla **Chitãozinho & Xororó**, que misturou elementos de modernidade sem descaracterizar as canções tradicionais. A dupla estourou nas paradas de sucesso com a música **Fio de Cabelo** tornando-se a referência da música sertaneja e apresentando-se em programas de prestígio como o Globo de Ouro, sendo a primeira aparição do gênero na Rede Globo. Na década de 80, oitenta por cento da população de São Paulo era rural e o gênero, inicialmente interpretado nas praças públicas, ganhou popularidade em circos, estádios e rodeios, recebendo influência da música *country* americana.

O sertanejo universitário, muito popular entre jovens e adolescentes, apareceu já no século XXI em Minas Gerais com seu estilo acústico e destaque para as guitarras. Seus temas são românticos e urbanos. A última novidade do gênero foi a aparição de **Michel Teló** que, com o seu tema “Ai, se eu te pego” virou um sucesso mundial. A cooperação dos jogadores do Real Madrid celebrando os seus gols com os passos da música foi muito importante na sua difusão. Hoje a música sertaneja é um dos gêneros mais populares produzido e consumido no Brasil.



Músicos brasileiros em Madri: Marreta, Douglas Aguiar, Carlos Mankuzo

Nos dias 28 de fevereiro e 1º de março fizemos um bate-papo com músicos brasileiros que moram e trabalham em Madri. Nossos convidados foram a cantora lírica **Kátia Santana**, o músico e professor de batucada **Eduardo Marreta**, o professor de capoeira e músico **Caíto Rudger** (www.energeticocapoeira.com) e os músicos e compositores **Douglas Aguiar** (www.douglasaguiar.com) e **Carlos Mankuzo** (palcomp3.com/carlosmankuzo).

Aqui vão os comentários do pessoal da **Oficina de Conversação** sobre o encontro.

Para Mankuzo, o forró é como se fosse o flamenco daqui, mas suas partes são feitas de baião, xaxado, xote... Ele dá aulas de música e é mestre de maracatu. O pai de Kátia trabalhava numa empresa de petróleo, a Petrobrás, onde ela cantava no coral quando criança. Depois foi cantora de igreja, de ópera, de xote... **Bê Poeta**



Tempero, último trabalho do músico
Carlos Mankuzo

Gostei muito da história de como Marreta aprendeu a tocar instrumentos sozinho: se era preciso alguém que soubesse tocar pandeiro, ele aprendia e entrava na banda, se precisavam de cuieiro, ele construía e tocava cuica... Para ele, o mais importante sempre foi a música, senti-la, desfrutá-la, vivê-la e fazer com que os outros saibam desfrutá-la. **Maroto**

Eu gostei muito do jeito de Marreta e da sua paixão pela música desde criança. Ele começou a tocar com seis anos e toca qualquer instrumento de percussão brasileiro. Ele é do Rio de Janeiro do bairro do Flamengo. Contou que não teve oportunidade de entrar numa Escola de Samba e que os recursos econômicos da sua família eram limitados. Agora Marreta tenta ser o professor que ele nunca teve, está constantemente estudando, gosta de ritmos e músicas variadas. Nas aulas de música, problemas fora! **Paloma**

Mankuzo, como bom pernambucano, conhece todos os ritmos da sua terra. Ele demonstrou ser um ótimo percussionista no seu acompanhamento improvisado ao violão de Douglas, com o seu pandeiro. **Arturo**

Marreta encarna em sua pessoa todos os ritmos do Brasil, ritmos que podem produzir as mesmas sensações em qualquer outra parte do mundo. Agradou-me sua ideia sobre a sensualidade: tem que ser sensual até no jeito de andar, disse. E também sua ideia da universalidade da música. **Toninho**



Boca a Boca, trabalho bilíngue e
polirrítmico do músico **Douglas Aguiar**

Embora normalmente tudo acabe em pizza, o encontro dos simpáticos com três músicos brasileiros em Madri, a cearense Katia, o carioca Caíto e o paulistano Douglas, acabou em canto. Escutarmos a voz maravilhosa da Kátia entoando a capella a ária das **Bachianas N. 5** de Heitor Villa-Lobos foi mais delicioso do que comer pizza. E quem escreve é italiano! Até o trânsito infernal de uma megalópole como São Paulo pode ser aproveitável. Foi nos longos trajetos de carro na sua cidade natal que, ainda criança, Douglas se aproximou da música, cantando junto com sua mãe. Daí a sua paixão pela música, que o trouxe até a Espanha para estudar o flamenco e à procura do seu pessoal e eclético caminho musical. **Ivan Montebugnoli**



Marreta, os Teteias e a calourinha Mu

Músicos brasileiros em Madri: Caíto Rudge e Kátia Santana

Que dificuldades, por causa da crise, estão sofrendo os cantores líricos! Kátia nos contou que, os teatros e os outros lugares onde eles podem cantar, agora contratam quase a metade dos cantores que há uns anos. Por essa razão, muitos cantores têm que procurar outro trabalho para poderem ganhar o suficiente para viver. Douglas, que trabalha com outro tipo de música, não vê tanta dificuldade, mas falou também da necessidade de se adaptar ao contexto onde se vive e da importância da formação do músico, quanto mais completa melhor. **Dedé**



Holger, Valeria, Eva e Kátia

Douglas contou que, quando era criança, construía instrumentos musicais, como um baixo sem cordas e uma bateria feita com galões e outros objetos caseiros. Depois organizava shows com e para os amigos em São Paulo. Era uma forma de brincar e de se divertir, porém a música sempre estava presente, mesmo que o baixo não pudesse produzir nenhum som. Anos depois, Douglas virou músico profissional, contudo, a minha impressão é que todo brasileiro é músico, porque a música representa uma parte importante na vida deles. As lembranças da infância no Brasil têm a sua trilha sonora e isso intensifica o afeto dos brasileiros pela música. Tenho certeza disso. **Valeria**



Silvia, Beto, Caíto e Myriam

Nunca tinha escutado uma versão da Garota de Ipanema cantada por uma espetacular cantora lírica (Kátia), tocada ao violão (Douglas) e acompanhada no pandeiro (Mankuzo) por dois mestres da música brasileira e temperada por um homem-orquestra (Caíto), que tudo o que faz, revela-se mágico. Foi sublime, adorei! **Maroto**

O contato com os músicos brasileiros foi ótimo, tivemos a possibilidades de explorar diferentes visões do panorama do universo musical brasileiro. Kátia nos introduziu na música erudita através do canto lírico. Sua interpretação, embora fugaz, das Bachianas foi muito legal. Caíto nos apresentou as músicas da capoeira com a sua simpatia e gíria típica carioca. E, finalmente, a sofisticação chegou pela mão do paulistano Douglas, autor de músicas com sons eletrônicos. **Beto**



Simpáticos e os músicos

Gostei muito do bate-papo com os músicos, porque achei interessante saber da sua vida, como conseguem viver ou sobreviver com a música. Descobri que se pode viver da música em Madri, embora haja crise. O cd do Douglas é ótimo, gostei da sua música. **Holger**



Kátia, Mankuzo, Douglas e Caíto com
os Malucos e os Teteias